

## **A EDUCAÇÃO LASSALISTA ÀS VOLTAS COM A UNIÃO EUROPÉIA**

*Irmão Herman Lombaerts, fsc*

***Contribuição da Comissão Lassalista Européia para a Educação na Assembléia  
Internacional MEL 2006***

### **APRESENTAÇÃO**

Atual, palpitante, decisiva, corajosa...são alguns dos adjetivos que mereceriam destaque desde a primeira linha desta breve introdução ao conteúdo e à importância deste Caderno. Agradecemos ao Irmão *Herman Lombaerts* por nos ter obsequiado, mais uma vez, uma obra que dará muito que falar, dará azo para pensar mais, e será um referencial em nossas bibliotecas.

A “matéria prima” do conteúdo já existia, e poderíamos ter optado por uma apresentação do tipo crônica “para sair de um impasse”, isto é, para fazer um trabalho rápido, que justificasse o objetivo da publicação. Sim, com o risco de perder a maioria dos leitores ao longo do caminho. Todavia, o estilo aqui adotado rompe com a monotonia de uma crônica e exige a colaboração de um leitor ativo, desperto, crítico, capaz de se relacionar, de responder, de sintetizar, de questionar e de propor novas hipóteses.

É preciso elogiar um aspecto que não tem nada de banal com relação às limitações que o autor exige antes de começar o trabalho: conteúdo, cenário, personagens e lugares já são dados. Somente o cenário ficava nas mãos do autor para poder “atingir” o leitor e vencê-lo no seu próprio terreno.

A excelente acolhida deste caderno é garantida por múltiplas razões: A assinatura ou a marca do autor, sem nenhuma dúvida; igualmente o título, principalmente pelas pessoas que vivem na Europa ou a conhecem; e sobretudo porque, como já foi notado, isto vem no momento exato, é atual; afeta diretamente a vida, tendo necessidade de respostas exatas e terrivelmente responsáveis. É uma intervenção “de coração aberto”, aquela que se torna mais visível para conseguir que a educação lassalista responda aos desafios de hoje: imigração, conflitos, violência, secularismo, pluralismo... Mas, o motivo principal de uma boa acolhida, assim como acontece com as grandes obras literárias e religiosas, é seu universalismo! É certo que os exemplos, os testemunhos, os dados estatísticos e o contexto geral se referem à Europa; mas todo esse conjunto são apenas concretizações geográficas de um magma que escorre incandescente sob os cinco continentes.

Este caderno é magnificamente estruturado, e o leitor passará muito facilmente de um capítulo a outro – ainda que, por vezes, a leitura deverá acomodar-se a mais vagar, especialmente quando a narrativa descritiva é deixada de lado. Os quatro temas tratados (capítulos 2 a 5), têm uma estrutura semelhante:

- a) Introdução (contexto, objetivos);
- b) Análise da situação atual;
- c) Respostas na história lassalista das origens;
- d) Repercussões sobre a missão lassalista, e
- e) Testemunhos ou exemplos concretos para a atuação lassalista.

Vincular sabiamente presente, passado e futuro foi um dos bons êxitos das quatro reuniões que se realizaram em diversos lugares da Europa desde o ano de 2000, e que são o objeto desta colaboração. A CLEE (*Comissão Lassalista Européia de Educação*), fiel a seu compromisso histórico favoreceu esta reflexão, tomando em conta temas propostos pelo Conselho Permanente da MEL e por alguns aspectos discutidos e avaliados durante os Cinco Colóquios da década dos anos noventas. Uma reflexão sobre a Europa (e sobre a ampla missão do Instituto no mundo atual) deverá ter em conta a riqueza das perspectivas e das maneiras de ver que então se manifestaram nessas quatro reuniões.

Chamar a atenção, por fim, que esta publicação tem como principal finalidade dar uma contribuição decisiva à Assembléia Internacional da MEL, em outubro de 2006. Outra contribuição, não menos significativa, será a de nos ajudar a afinar nossas representações mentais e a administrar o estado de mudanças, já ressentidas por todos, como sendo o estado mais permanente.

*Irmão Alfonso Novillo*

## Prefácio

Apraz-me apresentar este número dos Cadernos MEL, elaborado pelo Irmão *Herman Lombaerts*. É uma síntese de todo o trabalho realizado durante quatro anos pela Comissão Lassalista Européia para a Educação.

Uma reflexão sobre a nova realidade de uma Europa emergente se impõe, porque nessa realidade nós encontramos os “sinais de nosso tempo” e o livro da nossa história. Uma história em que percebemos tantas lacunas, tantos vazios e penúrias, que nos leva a ter uma muito grande necessidade da esperança adequada à união, à justiça e à paz. E se bem se trata de “sinais” é preciso que os educadores não os percam de vista, para poderem lê-los numa perspectiva cristã. Sem essa leitura e esse aprofundamento tudo o que for empreendido em vista da educação da fé permanecerá como algo desencarnado e desprovido de sentido.

Em face dessa nova realidade que também se atualiza com a criação da Região Européia Lassalista (REL) surgem muitos discernimentos que suscitam ao mesmo tempo ao otimismo e ao pessimismo. Um pessimismo se justificaria caso certas orientações européias, tais como o neoliberalismo, a globalização, a introdução de novas fronteiras nos levassem a robustecer nosso egoísmo e nossas diferenças. O otimismo, pelo contrário é mais forte e se impõe sob a forma de novos desafios de igualdade, de respeito aos direitos do homem, de uma grande flexibilidade e largueza de espírito quanto às idéias, as representações, concernentes também à religiosidade e às religiões.

Tomando em consideração a realidade de nossas escolas cristãs, a CLEE estudou um certo número de temas como a imigração, o neoliberalismo, a violência e a secularização. Este programa constitui um dentre tantas possibilidades de chamar a atenção sobre essa realidade, e de suscitar a criatividade. Houve rupturas no domínio das idéias, e também dos costumes. As configurações geográficas foram modificadas no seio desse universo sem fronteiras. Razões de sobra para abrir nossas mentes e nossos corações à novidade se anunciando a cada dia. E acaso, Deus, não é Ele novidade também?

Após a decepção ou frustração do mundo e o obscurecimento da religião, deverá ser possível criar espaços de esperança, de diálogo, de misticismo. Com toda certeza, nós sempre guardamos a ilusão de que o laicismo levará a uma nova religiosidade. Mas para que esta emerja, é preciso primeiramente procurá-la, aprofundá-la, deixar-se impregnar por tudo o que há de bom e de bem na sociedade leiga. E nesta confluência de idéias, de religiões e de culturas, é preciso que mostremos nosso rosto sorridente e cheio de esperança: La Salle nos conduziu através de uma história de adaptações e de criatividade. Agora, chegou o momento de expressá-la.

Nossos centros educacionais vivem os estímulos dos novos tempos. E é apenas o início!

Pois bem, esses estímulos merecem nossa atenção, pouco importa sua origem, pois elas sempre trazem os ventos da renovação e o convite à multiculturalidade e à multi-religiosidade.

Que este Caderno seja uma ajuda para a MEL, o Conselho Geral e o Capítulo Geral, em sua vontade de refletir sobre os grandes problemas que atualmente estão afetando nossa sociedade e nossa educação lassalista. Foi pensando nas preocupações deles que a programação temática destes quatro anos se concretizou, e nós dedicamos nosso trabalho de síntese, realizado com muito entusiasmo. – *Irmão José Maria Martínez* – *Secretário da CLEE*.

## 01 O projeto educativo lassalista no contexto da União Européia

O 43º Capítulo Geral do ano 2000 lançou o ambicioso projeto de confiar a Missão Educativa Lassalista não somente nas mãos dos Irmãos, mas de associar nela de maneira estruturada colaboradores e associados, numa preocupação comum de uma dupla fidelidade: ao carisma da fundação e às realidades presentes. Nessa ocasião decidiu organizar uma Assembléia Internacional da Missão Educativa Lassalista, em 2006. O Irmão *Nicolas Capelle* apresentou o contexto, o alcance, os objetivos e os instrumentos de preparação no primeiro número dos Cadernos MEL.<sup>1</sup>

Este projeto é uma resposta lógica aos progressos que se tornaram obrigatórios em todo o mundo, e no conjunto do Instituto durante estes últimos dez anos.

Por um lado, os Irmãos representam uma minoria entre os colaboradores leigos, a ponto de em certos países já nem mesmo atuarem nas obras. Um dos “sinais dos tempos” é exatamente o surgimento de numerosos colaboradores que querem associar-se à Missão Educativa e vivenciar a espiritualidade lassalista através de um comprometimento firme. Esta evolução constitui a alma da renovação do Instituto para o século XXI.

Por outro lado, a evolução do mundo e da sociedade contemporânea nos interpela sobre diversos pontos de vista. O desmoronamento do sistema comunista modifica os relacionamentos das potências militares, políticas e econômicas de todo o mundo. Parece, então, que o sistema capitalista e a democracia se impõem como únicos padrões para o conjunto do globo terrestre. Nós somos alertados sobre as conseqüências de uma tal evolução: elas se dão em benefício sobretudo de certas regiões, em particular do mundo ocidental, e em detrimento de outras regiões, tais como a África e certos países da América Latina ou da Ásia.<sup>2</sup> Deste modo, as diferentes populações são implicadas nisto, não por seu governo local, mas pelo processo de globalização dos sistemas de produção e de uma mundialização do consumo.

### O Instituto se põe a ler os “sinais do tempo”

Essas interpelações já inquietaram muito o Instituto desde o 42º Capítulo Geral. Para poder discernir melhor as urgências e elaborar na mente as tomadas de decisões estratégicas, na linha da Missão Educativa, o Conselho Geral autorizou a organização de *Colóquios Internacionais*.<sup>3</sup> De 1994 a 1998, cerca de 250 Irmãos e Leigos se reuniram com o Irmão Superior Geral e seu Conselho, para participarem de estudos temáticos concernentes à idéia geral da “Educação Hoje”. Nesses Encontros, foi primeiramente tomado em consideração o contexto da sociedade contemporânea. De acordo com a tradição educativa, as escolas complementam e amplificam a socialização e a educação iniciada no seio da família. De um comum acordo, pais dos alunos e educadores das nossas instituições colocam os alicerces sobre uma continuidade coerente do projeto educativo no plano de valores, de uma cultura, de uma tradição religiosa, de uma inserção social e institucional. Essa continuidade é questionada, de um lado por causa de uma mudança do próprio conceito da família e de sua vivência concreta, e de outro lado, por causa das mutações do conceito concernente aos diversos aspectos da vida social dos indivíduos.

<sup>1</sup> Cadernos MEL 1, Roma 2002.

<sup>2</sup> Rumo à secularização dos países ricos, *Atlas du Monde Diplomatique*, Paris, 2005, p. 50-51.

<sup>3</sup> L’Institut des Frères des Écoles Chrétiennes et l’Éducation Aujourd’hui. Cinq Colloques pour mieux comprendre, *Bulletin de l’Institut des Frères des Écoles Chrétiennes*, N° 245 (1999).

Cinco aspectos fundamentais das mudanças que atualmente se manifestam, constituíram os temas dos Cinco Colóquios: a família, a globalização, o crescimento das megalópoles, as novas tecnologias do saber, e a comunicação da fé hoje. A partir desse trabalho, os participantes puderam divisar temas transversais que emergiam de cada um deles, com por exemplo, a inculturação, o diálogo inter-religioso, os novos movimentos religiosos, a antropologia dos jovens... Mas também a colaboração e a solidariedade entre lassalistas, os objetivos dos compromettimentos nas obras, as pistas de compromisso para o Instituto e seus associados... O cinco temas concernem o conjunto do Instituto; eles refletem uma realidade mundial. Nos compromettimentos, onde quer que seja, entrelaçam-se no meio de numerosas redes para além e independentemente da pertença a um Instituto internacional. A interdependência internacional a serviço da missão é marcada pelos mesmos processos de transição da sociedade. Uma reflexão sobre a Educação, na Europa, deverá adotar como tela de fundo esse trabalho realizado por ocasião dos cinco colóquios. Ela deverá aprofundá-los e articulá-los de acordo com a evolução do continente e das interpelações específicas que nele se manifestam.

## A EUROPA

A Comissão Lassalista Européia para a Educação (CLEE) decidiu adotar a perspectiva da MEL e programar os encontros anuais em função da Assembléia Internacional de 2006. A Missão hoje deve, pois, arrostar as urgências educativas do século XXI. O Conselho Permanente para a MEL, relembrou para ela os objetivos prioritários: a justiça social e o serviço educativo a pobres,<sup>4</sup> o respeito aos Direitos das Crianças e dos Adolescentes,<sup>5</sup> a Promoção de Inovações Educativas,<sup>6</sup> e o Anúncio Explícito da Fé e o Empenho pelo Desenvolvimento de uma Pastoral Escolar.<sup>7</sup>

Em 2000, no limiar do século XXI, mal se podia imaginar o alcance dos desenvolvimentos que se prenunciavam para o continente europeu. Em alguns anos uma situação toda nova se criou. A CLEE se julgou chamada a sensibilizar os lassalistas do continente sobre essas mudanças estimulando-os a remodelar a estratégia educativa de suas obras de acordo com a nova realidade. Uma leitura hermenêutica dos sinais dos tempos requer conjuntamente uma reinterpretação da tradição e um estudo antropológico, teológico e espiritual da presença dos cristãos na sociedade.

A Europa: de qual realidade falaremos nós? Mais de 800 milhões de pessoas se consideram européias. Dentre elas, 435 milhões vivem nos 25 países da União Européia.<sup>8</sup> Contudo, as fronteiras no Leste do continente não são rígidas: a Rússia, a Bielo-Rússia e a Ucrânia muitas vezes são consideradas como fazendo parte da Europa. Mas de um ponto de vista geográfico, a Turquia, a Armênia, a Geórgia, o Azerbaijão e, eventualmente a Groenlândia têm igual direito a essa qualificação. A Groenlândia depende da Dinamarca, ao passo que a Islândia tem contatos mais próximos com os Estados Unidos. A Turquia e o Azerbaijão que não partilham raízes cristãs são muitas vezes consideradas como “demasiadamente orientais”, ainda que a população da Albânia e da Bósnia sejam também majoritariamente muçulmanas.

<sup>4</sup> Encontro Inter-capitular de maio de 2004, Serviço Educativo a pobres, *Caderno MEL 20*, 2005.

<sup>5</sup> Cf. Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; *The Rights of the Child*, Boletim dos Irmãos das Escolas Cristãs, Nº 247 (2002).

<sup>6</sup> Nicolas Capelle & J. A. Warletta, *Educational Innovations*, Boletim dos Irmãos das Escolas Cristãs, Nº 248 (2003); N. Capelle: *L'innovation éducative lassallienne*, *Caderno MEL 4*, 2003.

<sup>7</sup> F. Pajer, *Éducation scolaire et culture religieuse*, *Caderno Mel 6*, Roma, 2003.

<sup>8</sup> L. Halman, R. Luijckx & M. van Zundert, *Atlas of European Values*, Tilburg, 2005, pág. 14 ss.

Vários outros países propuseram suas candidaturas para fazerem parte da União Europeia. Trata-se de um vasto projeto de reconstrução do velho continente. Ninguém, hoje, ousará imaginar aonde isto há de levar. Cada ampliação é conscienciosamente preparada com o objetivo de chegar à integração, e que, efetivamente, a população de um novo membro tenha acesso a uma qualidade melhor de vida, sem que isto acarrete uma desestabilização em outros países. A União Europeia (UE) chegou ao ponto de romper o equilíbrio histórico progressivamente estabelecido entre os Estados e as Igrejas Cristãs sobretudo, os judeus sempre sofrendo conseqüências assassinas, causadoras de frustração do Holocausto. Com a provável integração de outros países do Leste Europeu e da Turquia, as Igrejas Ortodoxas e o Islã integrar-se-ão na União. Pode esperar-se que as fronteiras sejam recuadas mais daqui a algumas dezenas de anos, para além daquilo que hoje é pensável. Qual será então a nova identidade europeia, uma vez que já não emergirá de uma pertença étnica ou cultural? Até os dias de hoje, múltiplas fronteiras mantêm separadas realidades que, sob um determinado ponto de vista são consideradas inconciliáveis. Para integrar o outro-diferente, será necessária uma lenta progressão que exigirá a ultrapassagem de preconceitos históricos, tornar as pessoas mais sociáveis para com os outros superando diferenças, reconhecendo-se iguais a partir de um projeto de co-responsabilidade, de solidariedade, e de coabitação na mesma realidade geopolítica.

Desde a metade do século XX, o “velho continente” não é mais reconhecido como o centro do mundo, como referência científica, cultural, política ou ideológica para os outros continentes. O centro de gravidade econômico, militar e político se deslocou para os Estados Unidos e a Ásia. E os cotejos de força e de importância de antanho, na Europa, se diluíram sob o impacto da mundialização e da globalização. Este lento movimento de reconstrução de uma entidade sólida do ponto de vista econômico, político e sócio-cultural, acaso chegará a reconstituir uma influência específica e qualitativamente decisiva no plano mundial?

Contudo, tenhamos muito cuidado para não isolar a posição frágil da Europa dos outros continentes, ou não estimar o bastante seus recursos e potencialidades. É a totalidade do mundo contemporâneo que se está reestruturando e orientando para um outro modelo de coabitação sobre esta terra – onde a exploração de outros planetas e universos já assumiu um lugar importante. No plano mundial, as relações de força se modificam em conseqüência da dissociação da realidade econômica das estruturas políticas. A negação ao acesso ao desenvolvimento de um número incalculável da população (na Ásia, por exemplo) até o presente, sob o controle de ditaduras ou por causa do isolamento geográfico, terá conseqüências consideráveis para o mundo ocidental, e para os continentes do hemisfério sul. Problemas cruciais como a fome e a pobreza no mundo, a violência contra as crianças e as mulheres, a espoliação das matérias primas, na África e na América Latina, por exemplo, em proveito exclusivo dos países ricos, a fragilização das condições ecológicas, entre outras, ameaçam a qualidade da vida para a maioria da população mundial. Caso extrapolarmos essas situações no futuro já próximo, unicamente nos cabe sentir-nos alarmados e preocupados.<sup>9</sup>

### **A Europa e um “outro mundo”**

É possível um outro mundo? Uma autora de renome, *Susan George*,<sup>10</sup> está muito otimista diante deste desafio.<sup>11</sup> Ela acredita que o movimento por um mundo justo, de mais em mais,

<sup>9</sup> Cf. *Le planète en danger*, *L'Atlas du Monde Diplomatique*, p. 9-37.

<sup>10</sup> Co-diretora do *Transnational Institute* (Amsterdã) e co-fundadora de ATTAC (França), especialista no domínio da fome e da pobreza no Terceiro Mundo, das conseqüências das dívidas dos países em vias de desenvolvimento, dos relacionamentos Norte-Sul, das instituições transnacionais como o Banco Mundial, o IMF, ...

<sup>11</sup> *Another World is Possible If...* New York, 2004.

suscitará solidariedade, e terá um desfecho favorável. Criar-se-á uma consciência que ultrapassará as fronteiras e os condicionamentos econômicos e políticos atuais. *Susan George* julga que esse projeto de um novo mundo será exitoso se, entre outras condições,... os europeus tomarem a dianteira no mundo contemporâneo. Solidificando a entidade européia, forjando uma identidade social, cultural e ideológica, e mediante uma colaboração internacional, um mundo viável, justo e ecologicamente durável é possível. Mas chegar-se-á a isto tão somente através do diálogo, das negociações, a elaboração de consenso e de colaborações honestas, com o apoio de pesquisas científicas, e sem confrontações militares ou explorações econômicas. Será preciso, de maneira permanente, superar os impasses da nova geopolítica que se implantou.<sup>12</sup>

Assinalamos também a análise elaborada por *Colin Crouch* do modelo anglo-americano de uma sociedade de bem-estar inteiramente privatizada.<sup>13</sup> O Estado privatizado se enfraqueceu politicamente (participação fraca nas eleições) a ponto de desestabilizar a cidadania, de desgastar as administrações locais e regionais. Mas ela dispõe de um *lobby* extremamente bem desenvolvido no domínio dos negócios. Sociedade do bem-estar, ela faz muito pouco para o comum do povo. Uma tal sociedade pós-democrática constitui a ameaça mais perigosa para a democracia do mundo ocidental. Ela se instalou bem nos Estados Unidos, e está em vias de infiltrar-se exitosamente na União Européia.

### Transições históricas

E contudo, a Europa continua sendo *um caso à parte!*<sup>14</sup> Desde há mais de 50 anos – em prosseguimento do acesso racional de Modernidade e das Luzes - numerosos estudos em sociologia e psicologia da religião tentaram compor o fenômeno da secularização. Foi uma evolução que se manifestou, sobretudo na Europa ocidental. Nenhum outro continente foi afetado por igual distanciamento entre as religiões institucionais: o catolicismo e o protestantismo. Ainda que o mesmo fenômeno se perceba também com relação a outros sistemas ideológicos e em outros continentes, como os Estados Unidos, a América Latina ou a África, os católicos e os protestantes não abandonam maciçamente a prática religiosa. No caso em que a pertença a uma igreja particular concreta não responda às expectativas de seus fiéis, eles decidem trocar de igreja, ou com frequência recorrem às comunidades pentecostais, ou às seitas, ou se integram nas igrejas autóctones, sincréticas...

Na Europa, os católicos e os protestantes não trocam de igreja ou de religião. Somente uma minoria de pessoas muda de identidade religiosa. Em caso de decepção dá-se um outro tipo de mudança. A maioria, sobretudo entre as jovens gerações abstêm-se da prática religiosa regular, mas mantêm uma pertença formal e seletiva.<sup>15</sup> Essa evolução não deixa de suscitar consternação e perplexidade nas autoridades eclesásticas, e as interpretações das observações e de seu significado divergem consideravelmente.

Apesar disso, a religião institucional na Europa não desapareceu.<sup>16</sup> :

1. Parece que atitudes específicas a uma religião persistem e continuam a orientar, ao menos implicitamente as opções de vida e a escala de valores das populações. Até o presente, a sociedade européia sempre tem sido marcada por seu passado religioso;

<sup>12</sup> Cf. *L'Atlas du Monde Diplomatique*, p. 40-79.

<sup>13</sup> *Post-Democracy*, Cambridge, 2004.

<sup>14</sup> G. Davie, *Europe: The Exceptional Case. Parameters of Faith in the Modern World*, London, 2002.

<sup>15</sup> *Atlas of European Values*, (note 8), p. 62-63.

<sup>16</sup> J. P. Willaime, *Europe et religions. Les enjeux du XXI<sup>e</sup> siècle*, Paris, 2004, pp. 52-62.

2. Certas grandes manifestações religiosas – mediatizadas – se mantêm e suscitam um certo interesse;
3. Revela-se que o potencial carismático da Igreja oferece um quadro de referência para pessoas (adultas) em busca de um sentido da vida ou de uma pertença religiosa;
4. Interpeladas pelas grandes questões éticas, sociais, culturais, medicinais, políticas, econômicas, as igrejas não se mantêm à margem. Com seus posicionamentos, podem introduzir uma diferença qualitativa com referência aos dilemas que afetam o seio da sociedade contemporânea.

Esta evolução marca uma ruptura capital com relação à situação de há três séculos. João Batista de La Salle situava sua iniciativa no coração da Igreja católica da França. A Igreja e o Estado estavam intimamente ligadas como garantia da continuidade da sociedade. Desde então, a educação visava francamente a integração da fé cristã e eclesial na vida das crianças: a educação para o civismo em nome de Deus e da implantação do homem na vida divina. Todo o projeto de vida se situava no interior da Igreja. A comunidade dos Irmãos se consagrava totalmente a essa finalidade, e assumia os pressupostos sócio-apostólicos.

A separação entre a Igreja e o Estado, da maneira como foi introduzida na França pela secularização (1905), conseqüência da Revolução, instituiu um outro tipo de sociedade. De certo modo toda a Europa foi marcada. Se, por um lado a Igreja perdia sua influência “absolutista”, e se muitas instituições eclesiais profundamente enraizadas na vida social se viram limitadas em suas atividades e suas ambições, por outro lado, acabaram ganhando com se concentrarem em sua missão especificamente evangélica e pastoral. Elas se viram obrigadas a optar por outras estratégias para terem impacto sobre a sociedade.

Fiéis a seu gênio pragmático, os Irmãos se acomodaram na medida do possível às condições políticas e administrativas da separação entre a Igreja e o Estado, e implantaram seus centros educacionais em lugares estratégicos de acordo com a sua missão. Mas, ao mesmo tempo, a sociedade tendo se tornado mais “pluralista”, as novas situações exigiram uma reflexão aprofundada, e uma abordagem pedagógica e pastoral diferentes. Os “sujeitos” – as crianças, os jovens e os pais deles, mais do que no passado, exerceram seu direito à liberdade de consciência, de pensamento e de ação em todos os domínios. A religião mudou de *status* social numa sociedade que se tornara aconfessional.

O Instituto foi fundado na prorrogação da renovação do Concílio de Trento. A Contra-reforma se impôs até o século vinte. O Concílio Vaticano II se esmerou em integrar as mudanças que se operaram em conseqüência da Modernidade e das Luzes. Concentrando-se nos “sinais dos tempos”, no homem contemporâneo, portador do Espírito Santo, a abertura ao mundo fez presumir notáveis iniciativas. Após o Vaticano II, o diálogo se aprofundou para uma colaboração no domínio dos grandes dilemas éticos, médicos, políticos, da justiça social, do respeito ao ser humano, da liberdade religiosa e do desenvolvimento de um novo ecumenismo.

### **O “retorno” da religião**

Certas personagens de renome, como os Cardeais *Poupard e Ratzinger* (atual Papa), consideram a secularização, a laicização como a interpelação mais perigosa para a Europa de hoje.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> A pesquisa de opiniões sobre a “não-crença e a indiferença religiosa”, realizada pelo Conselho Pontifício para a Cultura, em preparação da Assembléia anual de 2004. – Cf. [www.dimarzio.it/srs/article.php?sid=306](http://www.dimarzio.it/srs/article.php?sid=306); malgrado se apoiar sobre a observação em vista da pesquisa, este diagnóstico parece ignorar ou minimizar as análises de autores, como *Grace Davie, Jean-Paul Willaime*.

Eles acusam os cristãos não-praticantes de indiferença e de descrença. Seu diagnóstico é rigoroso e exige uma resposta clara e forte. Eles reagem contra o relativismo niilista, o secularismo, o individualismo, o laicismo. Segundo eles, o cristianismo se está laicizando! Este diagnóstico tem suscitado uma resposta generosa em certos países ainda majoritariamente católicos, tais como a Polônia, que se crêem chamados a se tornarem os “novos evangelizadores” da Europa ocidental.

Vem daí o interesse pelo “retorno da Religião”, sob a forma de uma nova evangelização, pela contribuição dos novos movimentos religiosos, de um entusiasmo carismático, de encontros eclesiais de massas, das iniciativas das autoridades para projetar um engajamento mais convincente, ... Por vezes, encontramos essa aspiração (nostálgica) nas tendências fundamentalistas, tradicionalistas. A “volta da religião” é então interpretada num sentido literal, conformista, como uma fidelidade pouco crítica à ortodoxia da Igreja institucional, à sua autoridade hierárquica.

Outros grupos de crentes, pensadores e praticantes, se mostram mais atentos ao caráter cristão inerente ao próprio processo da secularização. Consideram-no como uma etapa na evolução do cristianismo. Nele não se estabelece uma ruptura com a orientação específica da fé cristã, mas antes com uma certa forma histórica de cristianismo, que definitivamente já faz parte do passado. Impressionados pela experiência da modernidade e da pós-modernidade, esses crentes tomam consciência da verdadeira importância da tradição cristã numa sociedade diferente, com novas interpelações e responsabilidades. Daí seu interesse por uma colaboração mais aberta com a cultura e a sociedade contemporâneas. Mesmo reconhecendo o valor da separação entre Igreja e Estado, eles rejeitam uma oposição de princípio entre o domínio secular e o domínio religioso. Mais concretamente, a busca da qualidade de vida por um lado, e o anseio de se engajar no serviço aos mais desfavorecidos e excluídos por outro, são reconhecidos como manifestações da Encarnação do Deus da vida. Cabe aos olhos da fé reconhecer isto.

O debate/conflito entre estas duas tendências é bastante fundamental e afeta a todas as estratégias pastorais e educativas. É ineludível um esclarecimento das conjecturas filosóficas e teológicas: ou permaneceremos com uma compreensão “essencialista”, um cristianismo a-histórico, conceitual, sobrenatural; ou optaremos por uma compreensão “existencialista”, um cristianismo enraizado na realidade concreta, histórica, experiencial, condicionado pela percepção dos sentidos.<sup>18</sup>

*Jean Boissonnat* destaca a importância de bem matizar as percepções.<sup>19</sup> De acordo com ele, de certa maneira Deus fez a Europa. A cristandade deu ao continente seus valores fundacionais e suas primeiras instituições. Mas posteriormente a Europa derrotou Deus através das grandes correntes filosóficas, dos cismas e da criação das instituições leigas. Hoje, a Europa tenta outorgar-se uma nova identidade em meio de um mundo globalizado, e Deus já não lhe pertence: Deus não é europeu!

### **Contribuição da CLEE**

Em sua reunião de março de 2002, o *Bureau* da CLEE idealizou um plano de trabalho para 2002-2006, com o objetivo de aprofundar sistematicamente o alcance destas questões para a Missão Educativa Lassalista na Europa, e mobilizar seus colaboradores para que dessem respostas criativas.

<sup>18</sup> Para uma análise aprofundada desta problemática, cf. G. De Schrijver, *Recent Theological Debates in Europe. Their impact on Interreligious Dialogue*, Bangalore, 2004, p. 10122.

<sup>19</sup> *Dieu et l'Europe*, Paris, 2005.

Sem deixar de lado os quatro temas propostos pelo Conselho Permanente da MEL e os aspectos do mundo contemporâneo explorados durante os cinco Colóquios, o *workshop* da CLEE quis pôr em evidência quatro temas, especialmente significativos para a situação do Instituto na Europa. Toda a preocupação gira em torno da emergência da nova Europa, com a integração de países da Europa Central e do Leste. Qual será a missão educativa lassalista neste novo contexto?

Três análises se impõem:

1. Com toda a evidência, a presença do Instituto não pode ser concebida como uma soma de esforços nos diferentes países até hoje justapostos econômica, política, cultural e religiosamente. No interior do continente, será também preciso abolir as fronteiras “lassalistas” elaboradas desde a origem do Instituto, e construir uma nova entidade, outra e que ultrapasse a soma de tudo o que existiu até agora.
2. A situação tradicional da presença dos Irmãos, na Europa, se tem dissipado. Há várias Províncias em vias de desaparecimento e, estatisticamente, todas as Províncias da Europa estão enveredando pelo mesmo caminho. A presença da missão educativa tem passado de mais em mais nas mãos de colaboradores leigos, sensibilizados pelo carisma da fundação, empenhados em dar assistência a crianças e jovens em dificuldades, ou ávidos por descobrir o sentido de suas vidas, de se engajarem no serviço aos homens no espírito de fé cristã. O período “pós-congregacional” se tem plantado na soleira da porta.
3. O posicionamento da religião na sociedade européia está mudando. Uma ineludível mudança se está pondo em vigor. A Europa cristã se está transformando numa realidade multicultural e multireligiosa, distinta da multinacionalidade étnica, cultural e religiosa do passado. As instituições educativas tradicionais serão obrigadas a se ressituaem numa ambientação de outra forma pluralista e numa política educativa dos governos, para além dos compromissos de coexistência estabelecidas no passado. Uma presença neste mundo da educação em nome do Evangelho, em nome da tradição lassalista terá que ser repensada e ressituada de maneira criativa.

O *Bureau* da CLEE selecionou, pois quatro temáticas consideradas fundamentais no processo de mudança que atualmente se está operando na Europa. Cada tema foi debatido em uma assembléia anual. Os participantes foram estimulados em suas reflexões e incentivados a tomar iniciativas para integrar no seu comprometimento a sensibilidade à nova realidade européia.

## TEMÁTICA GERAL:

### A emergência da Unidade Européia com a integração da Europa Central e do Leste, e a Missão Educativa Lassalista

Temas debatidos pela CLEE	Calendário CLEE		
	Aspectos dinâmicos tratados pela MEL: Justiça e Pobreza – Direitos das Crianças – Inovações Educativas – Anúncio da fé e Pastoral Escolar		
	Preparação	Encontros	Implicações
1. Fronteiras da Europa e migrações; dimensões interculturais e interreligiosas; pluralidade	Questionário	2002	
2. Ambientes em que nascem as crianças; o projeto neoliberal e a política educacional da União Européia	Questionário	2003	
3. Tensões sociedade-instituições e a violência; papel da escola na sociedade.	Questionário	2004	
4. Qualidade da vida humana; secularização e “volta da religião” - ensino religioso e iniciação na fé	Questionário	2005	
Dossiê da Síntese	-	2006	

Estas Temáticas se inter-relacionam e constituem um único conjunto. Portanto, tem havido uma lógica na seqüência das diferentes sessões.

O **primeiro encontro** visava, antes de mais nada, confirmar a evidência de que, efetivamente, o conceito “Europa” se tem modificado profundamente. Europa já não é um conjunto de nações; hoje é uma estruturação geopolítica. Analisar como evoluiu a idéia de “fronteira” é esclarecedor. É óbvio que reconhecemos a fronteira da União Européia dos 25 membros, mas existe também a fronteira do espaço *Schengen*<sup>20</sup>, do Conselho da Europa, da Zona Euro, da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), da Organização para a Segurança e a Cooperação na Europa (OSCE). E existe também a fronteira mortal que os imigrantes, vindos da África ou de outros lugares, tentam ultrapassar, arriscando inclusive a vida. Por isso, o primeiro encontro visou a examinar três temas: as fronteiras, a imigração e o novo enfrentamento com a pluralidade. Estas novas realidades modificam a maneira pela qual os centros educacionais lassalistas se têm estabelecido na Europa.

O **segundo encontro** se propôs medir a verdadeira natureza do projeto escolhido pelo mundo ocidental e apregoado em todo o mundo: o sistema capitalista neoliberal e uma democracia cada vez mais “privatizada” a serviço do mundo de negócios. É neste entorno que crescem as crianças hoje. Que política educativa propõe a União Européia em face desta “ditadura”? Inclu-

<sup>20</sup> Localidade de Luxemburgo, onde em 1985 e 1990, a Alemanha, França, Luxemburgo, Bélgica e Países Baixos estabeleceram as linhas para a formação da UE.

divelmente, os lassalistas na Europa são convocados a reconsiderar a sua contribuição educativa como resposta à dimensão antropológica e ética desse projeto. Conseguir outras competências para decidir a forma de se integrar no mundo da educação, se converte no indispensável. Onde será preciso situar-se para deixar um sinal visível de uma diferença qualitativa?

No **terceiro encontro** os temas se concentraram no espaço relacional emergido da nova entidade sócio-cultural. Os novos relacionamentos entre países, a livre circulação de pessoas e de serviços afetam profundamente os relacionamentos entre as populações, entre instituições e sociedade. Uma zona de insegurança se instala quando as instituições européias não gestionam as novas formas e ocasiões de encontro e de mudança. Todas essas modificações esbarram contra as tradições, os costumes, os ritos, os espaços privados e os públicos. É uma forma de violência que o povo é convidado a gestionar de maneira civilizada. Preferentemente a vivenciar uma civilidade no espírito “europeu”, há aqueles que preferem impor seu próprio direito, pela violência homicida, caso for preciso. Este processo afeta a todas as instituições, em especial o ambiente escolar, tendo em vista que as crianças e os jovens (imigrantes) sofrem sem reagir as tensões sociais, para além do que podem assumir. – O quê fazem as instituições lassalistas para remediar ou prevenir a violência inter-pessoal e institucional?

Durante o **quarto encontro** a CLEE se viu confrontada com a questão da qualidade da vida humana promovida por esse novo contexto europeu. Qual será o tipo de ser humano que virá à tona do seio deste novo sistema? Assim como anunciado no primeiro capítulo, esses homens e essas mulheres europeus se situam de maneira diferente com relação à questão do sentido da vida, dos valores, das religiões institucionalizadas. O quê ocorrerá com a religião? Em vez de nos aferrarmos a uma lembrança nostálgica do passado cristão unificado, é melhor escutar o Deus da vida, cuja iniciativa encontramos nessa gestação européia. Todos os lassalistas devem fazer-se ecos da preocupação para manter a continuidade da tradição cristã, para iniciar as novas gerações no mundo desconhecido das religiões, e em especial a fé cristã, e para criar uma ambientação escolar que inclua Deus como algo possível. Quais objetivos e qual enfoque institucional poderão garantir uma ação tão real e profética para isto?

Este Caderno MEL apresenta uma visão de conjunto sobre o estudo de cada tema. Para cada encontro, fornece uma apresentação do contexto e dos objetivos, seguido do programa assim como foi tratado e desenvolvido. Prosseguindo, o leitor encontrará uma síntese das diferentes contribuições e a formulação de algumas decorrências ou conclusões úteis para a Assembléia Internacional de 2006. O Irmão *José María Martínez Beltrán* fez um relatório de cada sessão. Elaborou também um documento de síntese que reagrupa os textos das exposições ou palestras, das comunicações e das reações dos grupos lingüísticos. Para a redação deste Caderno MEL, foi usada acertadamente essa ampla documentação.

Estabelecendo ligações cruzadas entre os diferentes capítulos, o leitor poderá realizar uma reflexão analítica e, munir-se de um quadro de referência suscetível de descerrar novas perspectivas para o futuro.

Evidentemente, o enfoque de cada tema não passará de parcial e particularizado. Foi preciso que nos limitássemos, devido à falta de informações pertinentes, e a não nos ter sido fornecida uma documentação mais ampla. Pelo fato de a realidade ser tão complexa e tão variável, é praticamente impossível visualizá-la em sua integralidade e analisá-la corretamente, menos ainda num encontro tão breve, apesar da boa vontade de seus participantes, comprometidos em tempo integral para levar a bom termo a missão educativa. Contudo, as sensibilidades, tanto dos participantes como dos apresentadores e palestrantes, mesmo que frutos de situações específicas de

países concretos, garantiram uma visão rica e diversa, indispensável para estimular uma tomada de consciência e uma mudança de pontos de vista. Cada um, sendo “europeu” é marcado por uma história e uma inserção sócio-cultural e ideológica concreta. Este é o ponto de partida, de uma nova abertura e de um novo capítulo de colaboração e de solidariedade. De fato, cada encontro supunha um exercício de mudança de ares, de transição para uma realidade futura. Graças ao plano de trabalho elaborado em 2002, tem sido possível levar a bom termo um estudo coerente e estruturado de uma realidade que nos extrapola em todos os sentidos.

Por um lado, o impacto desta experiência dependerá dos participantes que puderam vivenciar esse itinerário, rico, copioso, interpelante mas promissor. São eles que devem tomar a iniciativa para pôr em prática os diversos pontos de vista, as informações, as estratégias de agir nas atividades de formação e de renovação, de gestão estratégica das obras lassalistas.

Por outro lado, este Caderno também tenciona mobilizar os responsáveis pelo Instituto na Europa, a fim de tomarem as devidas decisões quanto à orientação da missão educativa no seio desta realidade emergente. Neste momento em que o Instituto se propôs reagrupar todas as Províncias sob a autoridade e a administração de uma única região, apresenta-se a oportunidade de estimular os colaboradores a integrarem a nova identidade europeia. As condições são totalmente diferentes do passado. Depreende-se dos encontros da CLEE que é indispensável para bem orientar o nosso trabalho, por um lado informar-se bem e estudar cuidadosamente os processos de transformação de nossa sociedade, e por outro lado, estudar com igual aplicação as mudanças de relacionamentos entre religião e sociedade e encontrar para o Instituto as orientações e os locais de inserção onde o testemunho seja pertinente e tenha possibilidades. Como a separação entre o Estado e a Igreja se pratica a fundo na Europa, cabe aos cristãos repensar a própria identidade de sua adesão à fé e à Igreja em termos de um novo estilo de inserção na realidade, de preferência a se isolarem num reflexo comunitário. Estando mais às voltas diretas com a sociedade, a responsabilidade dos Irmãos das Escolas Cristãs e de seus colaboradores e associados é muito maior do que no passado. A sociedade não é oposta às religiões. Mas sua influência já não é aceita como evidente. Elas não gozam mais de um reconhecimento ou de um poder aceitos como “naturais”. Os cristãos são interpelados a se integrarem na realidade social, com pessoas de outras maneiras de ver, outros horizontes, e a trabalhar de maneira que sua prática e seu comprometimento convençam sobre o valor próprio do espírito de fé. As ações mais do que as palavras se encarregarão de manifestar a autenticidade e a veracidade.

## 02. As fronteiras da Europa, a migração e a gestão da pluralidade

### Objetivos desta sessão

O continente europeu progressivamente se está transformando numa nova entidade. Isto traz consigo uma maior flexibilidade referente à mobilidade e à mudança de pessoas, de bens e de serviços. O equilíbrio estabelecido outrora entre as ações a partir de conflitos armados e políticos e de desinteligências étnicas, culturais e religiosas está sendo questionado. Uma certa abolição das fronteiras e um fortalecimento dos limites da União, estão levando a uma nova interpretação da “migração” e ao estabelecimento de outros critérios para a administração. Esta evolução inquieta certos setores das populações autóctones.

O objetivo dessa primeira etapa do projeto visou a explorar o sentido e o alcance da mudança dos conceitos de fronteira e de migração. Qual é essa nova realidade que está emergindo do desfazer do mapa geopolítico herdado do passado? Em que a nova Europa é o resultado das influências vindas de outros continentes, do impacto da globalização “apátrida”? O sistema está se modificando e não mais se parece com aquilo que nos resta como representação de uma reconstrução possível depois da segunda guerra mundial. Disto resulta uma pluralidade caótica, fluida, movediça, em suma, diferente da pluralidade justaposta e dominada do passado. A emergência de uma nova entidade é um assunto demasiadamente complexo para poder exauri-lo de uma só vez. Mas a sessão quis juntar os dados de base para melhor compreender e avaliar os esforços das obras lassalistas, e de fazer frente aos desafios que se apresentam neste momento.

O encontro se realizou em *Sint-Wivinaklooster*, em *Groot-Bijgarden* (Bélgica), de 28 de novembro a 1º de dezembro de 2002. Após uma introdução sobre as implicações da multiculturalidade e do pluralismo para o anúncio da fé, pelo Irmão *José María Martínez Beltrán*, três palestras configuraram o quadro do tema:

1. Fronteiras e migração: apresentação da temática pelo Irmão *Herman Lombaerts*;
2. Migração, imigração e construção da imagem, por *Madame Ching Lin Pang*, Centro para a igualdade de oportunidades e a luta contra o racismo, Bruxelas;
3. A imigração na França e a função da educação lassalista (*Irmão Alain Ory*). Em seguida foram dadas três comunicações sobre situações particulares: “Uma escola sem racismo (*Mr. Marc Holsteens, Instituut Sint Josef, Bokrijk-Genk*), a imigração na Espanha), Imigração no Reino Unido (*Irmão Philip Smith*).

### As fronteiras da Europa

Como já foi referido no Capítulo I, é delicado e até mesmo impossível determinar a posição exata das “fronteiras” da Europa. O velho continente constitui uma realidade histórica complexa.

Uma fronteira representa uma distinção crítica entre vários tipos de qualificações. A fronteira separa, põe em ordem, divide as posses, identifica o que é diferente. As realidades que se encontram em um ou no outro lado da fronteira, sob um certo ponto de vista são inconciliáveis. As fronteiras aparecem em todos os domínios ou campos. Com efeito, pensamos primeiramente nas fronteiras geográficas, históricas e políticas entre os Estados e as Nações. Mas há também

fronteiras lingüísticas, étnicas, econômicas, jurídicas, psicológicas, e fronteiras entre culturas e religiões.<sup>21</sup>

A fronteira é um conceito variável; é ao mesmo tempo histórica e convencional.

As fronteiras têm uma dupla função:

1. Controlar a migração;
2. Garantir a segurança, proteger as vantagens, atrair investimentos. A partilha das opções econômicas e políticas constitui a pedra angular das fronteiras européias.

Naquilo que se refere à UE, as fronteiras externas da União revestem também uma dimensão política e estratégica.<sup>22</sup> A abolição das fronteiras no interior da União (país que tendo assinado a Convenção de *Schengen*, por exemplo, se justifica em nome de uma atitude de confiança entre as populações dos diversos países concernentes. De um lado, a livre transferência mútua de bens, de pessoas, de serviços, de idéias... pressupõe uma liberdade/igualdade sob muitos pontos de vista e favorece o acesso ao bem-estar de todos, símbolo de uma situação de prosperidade. Ao mesmo tempo, esses países são mais permeáveis ao processo da globalização, muitas vezes gerados por atores apátridas. Mas, por outro lado, a fronteira exterior da União marca uma diferença decisiva do ponto de vista econômico, financeiro, político, cultural e religioso.<sup>23</sup>

### **Rumo a uma Identidade européia?**

Unificar um continente intencionalmente, bem entendido, abolir fronteiras, erigir outras, é optar por um projeto de sociedade. Bem entendido, esse projeto não se limita aos contornos da Europa. Qual é a relação entre os “europeus”, os “não-europeus”, e o resto do mundo? A elaboração da UE se faz às custas de quem? O desenvolvimento de uma competência competitiva se realiza em nome de algumas prioridades, de quais valores, e com qual abertura cultural e religiosa? Finalmente, a progressiva abolição das fronteiras no interior da União, ainda que marcando a distância em relação com outras entidades “européias”, será que ela garante a emergência de uma nova identidade européia?

A Europa é um mosaico complexo de linhas de força antigas e também recentes, de ordem natural, política, lingüística e religiosa. Na Idade Média, 80 milhões de indivíduos viviam em 200 Estados ou pseudo-Estados, feudos ou outros organismos de índole estatal. Em sua maioria, os países da Europa moderna são a combinação desses embriões de estado com uma coesão cultural reduzida: pensemos, por exemplo, na recente guerra civil na Bósnia, Croácia e Sérvia. E, contudo, a Europa mostra uma soberba diversidade cultural que garante um êxito surpreendente.

A identificação com a entidade européia representa primeiro, um sentimento de pertença e de tomada de consciência pessoal: um sentimento de interdependência. Um elevado nível de solidariedade, de raízes comuns (o orgulho nacional), de lembranças e experiências partilhadas, uma língua comum, a referência à mesma cultura e a um sentimento de destino. Deste modo,

<sup>21</sup> Comment l' "Europe" s'est bâtie et élargée, *L'Atlas du Monde Diplomatique*, Paris, 2005, p. 60-61.

<sup>22</sup> H. Elsenhans (dir.), *Une architecture européenne équilibrée, l'ouverture de l'Union européenne vers l'Europe centrale et la Méditerranée*, Paris, 1999; M. Albert. G. Ayache & M. Barnier: *Les nouvelles frontières de l'Europe*, Paris, 1993; E. Philippart (dir): *Nations et frontières dans la nouvelle Europe, l'Impact croisé*. Bruxelles, 1993.

<sup>23</sup> H. Lombaerts & E. Osewska, *Historical and Geo-Political Reality of a United Europe*, in S. Gatt, H. Lombaerts, E. Osewska & A. Scerri. *Catholic Education, European and Maltese Perspectives Church School's Response to Future Challenge*, Floriana, Malta, 2004, p. 27-43.

para os europeus, a nação aparece em primeiro lugar, em seguida vem a Europa, aceita num sentido instrumental e utilitário, sem vínculos emocionais ou afetivos. Uns 71% dos gregos consideram que sua pertença à União Européia é uma boa coisa, mas não confiam nela. Tão somente 7% dos russos se sentem europeus, mas 2/3 da população gostariam de fazer parte da UE.

A identidade “européia” é de uma outra ordem daquilo que se entende por uma identidade étnica, cultural, nacional. É aqui que se abre um debate fundamental sobre a aposta de uma nova identidade em plena construção: a UE. Unificar um continente, fazer desaparecer as fronteiras e erigir outras de maneira intencionada, é escolher um projeto de sociedade com opções de ordem econômica, política, ideológica, ética e religiosa. E é óbvio que isto não se restringe aos limites da Europa.

### A migração

As Nações Unidas definem a migração como o movimento de uma das 200 nações e algumas do mundo para uma outra durante 12 meses ou mais, seja qual for o objetivo que a motive. A imigração internacional –um desafio para o século XXI – impele o imigrante a sair de seu país de nascimento, de que é cidadão, ou do país em que goza de um estatuto legal para assentar-se num novo país. De acordo com esta definição, mais ou menos global, no ano 2000 têm havido uns 150 milhões de imigrantes, o que significa que uns 2,5% dos habitantes da Terra, quer dizer 1 (um) de cada 40 (quarenta) estão fora de seu país natal, ou que são cidadãos como imigrantes, estudantes estrangeiros e trabalhadores, ou residentes ilegais (*IOM, 2000*).<sup>24</sup>

Na atualidade. O processo de globalização econômica exerce uma importante influência nos movimentos migratórios através do mundo, que se situam no marco de um vasto movimento multidimensional de pessoas, capitais, bens, serviços e idéias. Ademais, é importante dar-se conta que atualmente a migração também faz parte de um mercado internacional que afeta grandes capitais, que oferece milhões de postos de trabalho, administrado por pessoas e agências preocupadas, sobretudo, com os benefícios que julgam obter. Aquilo que incita à migração é a diferença.

A imigração é um processo complexo que reflete, em parte, reações imprevisíveis das pessoas às circunstâncias concretas que afetam sua vida. Há imigrantes econômicos como consequência de recrutamento de mão-de-obra ou que fogem do desemprego, dos baixos salários ou das más colheitas. Os imigrantes não-econômicos vão em busca do reagrupamento familiar ou desejam escapar da guerra e das perseguições ou querem viver novas experiências.<sup>25</sup>

O fatores *demográficos* estimulam as migrações. Os 97% do crescimento demográfico (1,4% ou 84 milhões por ano) se produzem em países em vias de crescimento (os dois terços). Portanto, é muito provável que se produza uma migração para países desenvolvidos, com um crescimento demográfico em baixa.

Por exemplo, a relação entre a evolução demográfica na África e na Europa pode contemplar-se como um fator que favorece a migração.

---

<sup>24</sup> Philip Martin, *Migration internationale: un défi pour le 21e siècle*, 2002.

<sup>25</sup> J.Niessen, *Migrants, Refugees and Minorities in the New Europe*, in J.Wiersma (ed.), *Discernment and Commitment*, 1993, pp.185-219.

	Estimativa da população mundial				
	bilhões	6 bilhões		9,2 bilhões	
	1.800	2.000		2.050	
Europa	20%	725	12%	634	7%
África	8%	775	12%	1.800	20%

O impacto do fator demográfico necessita ser matizado. A opinião pública impressionada pelas imagens que a mídia vai difundindo, percebe que os refugiados que passam da África pela Mauritânia (Nouadhibou, Kandahar), as Ilhas Canárias, ou o Marrocos (Ceuta, Melilla) para a Espanha e a União Européia, pagando muito dinheiro e arriscando a vida, como em fuga maciça. Esta é uma realidade dramática. Mas a emigração é, antes de tudo, um assunto intra-africano; <sup>26</sup> apenas uma pequena porcentagem tenta forçar as portas da fortaleza europeia. <sup>27</sup>

Fatores *econômicos* (pobreza e desemprego) seriam os responsáveis pela emigração dos países pobres para os países ricos, das áreas rurais para as áreas urbanas. Mas a organização dos seus fluxos de mais em mais depende de redes tanto legais como ilegais que interceptam uma parte crescente dos benefícios da mundialização, tornando precárias as possibilidades de emprego. Os 25 países mais ricos (renda per capita de 26.000 dólares) marcam um impressionante contraste com os 175 países mais pobres (renda per capita de 1.200 dólares (Dados de 1999)). <sup>28</sup> Por outro lado, a renda em áreas urbanas é superior à renda nas áreas agrárias. <sup>29</sup> 45% dos trabalhadores do mundo trabalham na agricultura (1999) – isto suscita uma migração do meio rural para o meio urbano. Em 1980, 32% da população mundial vivia nas áreas urbanas; em 1999, 41% vivia em áreas urbanas.

Muitos temem que esse movimento se produza na Europa, dos países do Leste para a Europa Ocidental. Estudos a respeito deste tema indicam que no decurso dos cinco próximos anos, os fluxos migratórios com origem no conjunto dos novos Estados membros para o conjunto dos Estados atuais membros – no caso da livre circulação total – provavelmente representarão 1% da população desses novos Estados membros, ou seja umas 200.000 pessoas por ano. <sup>30</sup>

Os estrangeiros/migrantes se repartem nos diferentes países de maneira muito desigual. Proporcionalmente, os países “pequenos” (em superfície), têm uma mais acrescida concentração de migrantes que os países com (maior) superfície. Isto se verifica, por exemplo, no Luxemburgo (34,1%), e a Suíça (19,4%), Áustria, Bélgica, Alemanha (9%), Dinamarca, França, Irlanda, Holanda, Noruega, Suécia, Reino Unido (entre 6,3 e 3,1%). Todos os outros países têm menos de 3% de imigrantes. Desde há pouco, a migração afeta menos a sociedade europeia que durante os anos da década de 1990. <sup>31</sup> Tendo em vista que o número de migrantes ilegais continua sendo um fator desconhecido, torna-se impossível avaliar corretamente a amplitude das migrações.

<sup>26</sup> Cf. *Geo-économie des flux migratoires*, L'Atlas du Monde Diplomatique, 2005, p. 78-79.

<sup>27</sup> Jean-Pierre Tuquoi, Nouadibou, chef lieu de l'émigration sauvage, *Le monde*, 23.03.2006.

<sup>28</sup> “Choc des civilisations” ou choc Nord-Sud? – *L'Atlas du Monde Diplomatique*, 2005, p. 42-43.

<sup>29</sup> Cf. O famoso compromisso da Imigração nos Estados Unidos: mais ou menos 80% deo 2,5 milhões de trabalhadores empregados contra a remuneração são geralmente de jovens migrantes do México rural; mas são sobretudo os proprietários americanos que tiram proveito. – PH. Martin *Migration internationale* (note 5) p. 109-110.

<sup>30</sup> Cf Delphine Natache, *La migration: une priorité stratégique por l'Union Européenne dans lê partenariat Nord/Sud*

<sup>31</sup> John Salt, *Current trends in international migation in Europe*, Council of Europe, Report of the OECD, COMG (2001) 33.

A distribuição desigual coincide com a divergência de conceituações e políticas de vários países da Europa relativas às migrações. A visão que cada um deles têm sobre a imigração se enraíza nas provas político-históricas através das quais a nação se formou.<sup>32</sup> Daí a diversidade de vocabulário: um conceito jacobino da nação (a França); o multiculturalismo na Grã Bretanha com o cuidado de combater a discriminação racial institucionalizada; a tradição literal nos Países Baixos e Suécia estimula a política de emancipação das minorias; a entidade étnico-lingüística na Alemanha que se vincula com a história da noção do “povo alemão”; o assimilacionismo não participativo na Suíça; a admissão liberal, sem procedimentos de integração, na Espanha e na Itália, que se tornaram desde há pouco países de imigração... *Claude Bolzman e Manuel Boucher* fazem uma distinção de quatro eixos em torno dos quais se manifestam as divergências e conflitos naquilo que se refere às políticas nacionais de integração dos imigrantes:

1. A relação entre conceitos culturais e outros direitos civis (a relação igualdade/diferença);
2. A relação entre direitos políticos e nacionalidade (os vínculos formais com Estado/nação);
3. A mundialização que questiona certo número de direitos sócio-econômicos de toda a população;
4. Os limites de acesso aos direitos civis nas sociedades democráticas.

Não esqueçamos que a migração é mais exceção do que regra. Mas ela é ambas ao mesmo tempo. Ela representa uma interação entre diversos sistemas da sociedade. Ela é uma resposta a uma diferença percebida como crítica para a vida pessoal ou familiar num determinado contexto. A experiência extrema e repetida das necessidades vitais. De alienação, de humilhação, de sofrimento, ou de qualquer ambição, obriga a certo número de pessoas atravessar desesperadas quaisquer fronteiras, a sacrificar tudo para ter acesso às promessas de um outro mundo. A questão da justiça social, dos direitos humanos e os das crianças que nisto se refletem, comprometem os relacionamentos entre os países implicados no fluxo migratório. As situações inumanas conseqüências do conflito entre os interesses comprometidos (pessoas particulares, Estados/Nações, situação da população ...) apelam a iniciativas das autoridades, organizações de todo tipo e de pessoas privadas, a fim de amenizar carências fundamentais.<sup>33</sup>

### **Pluralidade, pluralismo e liberdade da pessoa**

As conseqüências das migrações se situam em níveis diferentes:

- O direito de existência de outras culturas e seu direito de se integrarem na sociedade europeia;
- O estabelecimento de relacionamentos autóctones e estrangeiros na sociedade europeia;
- A partilha dos territórios entre as comunidades católicas, protestantes e judaicas com o Islã e outros movimentos religiosos, espirituais, ou correntes filosóficas;
- A seqüência dos fatos transbordou a tolerância honesta. Mas a partir de agora a questão da verdade e da hierarquia das diferentes confissões está no centro do debate;

<sup>32</sup> Dominique Snapper, Tradições nacionais e conhecimento racional, *Sociologie e Société*, XXXI (1999), p.18. – Cf. Claude Bolzman et Manuel BOUCHER, *En Europe, à chacun son “modèle”*, *Le Monde Diplomatique*, juin 2006, p. 15.

<sup>33</sup> Cf. também B. Sánchez Martín & J. M. Martínez Beltrán, *Multiculturalisme et Immigration*, Carderno MEL 26, 2006.

- A elaboração de uma nova argumentação que afeta “as diferenças”: a legitimidade, a integração da vida social e institucional, as regras de convivência, a integração da diversidade/distância e das diferentes formas de acomodação.

“Pluralidade” é sinônimo de diversidade, de multiplicidade. Esse termo remete à composição plural de realidade. A pluralidade significa que uma sociedade está composta de diferentes subsistemas sócio-culturais (a indústria, os grupos de pressão, a imprensa, a justiça, o governo e o parlamento, os sindicatos, as igrejas, o ensino, o exército, os partidos políticos...) que frequentemente representam interesses muito diversos e que, entre si, mantêm o poder.

Pelo oposto, o “pluralismo” é uma filosofia do ser que concebe a realidade como uma pluralidade de entidades individuais. Somente o ser autônomo constitui a realidade. O pluralismo também é um sistema político, social, educativo, que reconhece a existência de diferentes princípios e convicções justapostas e sua cooperação. Neste sentido, o pluralismo se opõe ao “monismo”. Frequentemente o pluralismo é considerado como a garantia da liberdade do indivíduo na sociedade. Um abismo de poder pode ser corrigido mediante o apelo à intervenção de outras instâncias. Neste sentido, o pluralismo é preferível à ditadura, que recorre exclusivamente a um poder centralizado.

### **A gestão da pluralidade**

O que acontece, pois, com o projeto educativo inspirado pela fé e a tradição cristã? Qual é a autoridade, qual é o papel das Igrejas quando a pluralidade se impõe e exige respeito?

A Legitimidade da pluralidade, na sociedade como nas instituições exige respeito pela liberdade do indivíduo. O reconhecimento da pluralidade em nível do pessoal de uma escola introduz outro discurso enquanto à busca da verdade ou de normas, enquanto à adesão a uma tradição. Introduce outra relação com os alunos e seu entorno, outro código de colaboração no ambiente da escola. Os representantes de diferentes opiniões falam entre si de outra maneira, deixando ao outro a liberdade e o direito de adotar um ponto de vista divergente e de justificá-lo. O ponto delicado: evitar o doutrinamento, garantindo a educação com o discente, no coração, na liberdade dele.<sup>34</sup>

A Declaração sobre a liberdade religiosa (*Dignitatis Humanae, 1965*) foi o resultado de uma reflexão sobre a sociedade moderna assim como ela se desenvolveu desde o XVII ao XVIII séculos. A igreja reconheceu-se culpada, não tendo sempre respeitado a liberdade religiosa. Durante o último Concílio ela reconheceu a liberdade religiosa. Colocou-a em relação com a liberdade do ato de fé, resultado da relação de Jesus e seus apóstolos. O teólogo *Walter Kasper* sempre salientou que este é um documento de capital importância para a atual situação.<sup>35</sup> Por um lado, como pôr em relação, a verdade de Deus, fundamento da visão da Igreja, e por outro, a liberdade da pessoa, fundamento da liberdade religiosa?

Existe o direito à palavra, o direito da comunicação (a imprensa), o direito à vida privada, o direito à reunião. São direitos fundamentais inscritos nas constituições civis. Por sua vez, a Igreja é uma reunião de pessoas que se reúnem em nome de sua liberdade de professar e de praticar uma religião. Neste sentido situa-se entre o estado, por um lado, e a vida privada, por outro. Tem pois um papel e uma responsabilidade públicos, distintos da responsabilidade do estado.

<sup>34</sup> Y. Dutercq, *Pluralité des mondes e culture commune: enseignant et élèves à la recherche de normes partagés*.

<sup>35</sup> W. Kasper, *Religionsfreiheit*, II Katholische Kirche, in *Staatslexikon, Recht, Wirtschaft, Gesellschaft*. Band 4, Freiburg, 1988. p. 825-827.

Seu compromisso excede uma simples tolerância agnóstica. Fazendo parte do campo mediador pluralista da sociedade civil, a Igreja conserva sua liberdade de diálogo, de interpelação, de discernimento, de falar em nome de suas mais profundas convicções, escutando atentamente, ao mesmo tempo, os propósitos do outro. Esta liberdade lhe garante também a liberdade de testemunhar e de ser sacramento através de seu compromisso e de seus atos no seio desta sociedade.

<sup>36</sup>

### A função dos Estabelecimentos Lassalistas

Os Irmãos e seus colaboradores não ficaram indiferentes às conseqüências da migração para a Europa – bem como para os outros continentes. Através do continente há numerosas iniciativas que tratam de atenuar as necessidades dos jovens e de suas famílias vindos de outros lugares. Parece que, em diversos países, as “escolas particulares” (e as lassalistas são destas) têm poucos alunos estrangeiros matriculados nelas. Será uma conseqüência da inserção histórica e das relações Igreja/Estado? Ou a expressão de um posicionamento pragmático ou estratégico das escolas cristãs em cada ambiente típico no momento? A opinião pública na maioria dos países não é favorável à integração de imigrantes. Por exemplo: 61% dos franceses estimam que há estrangeiros demais no país; 63% julgam que há demais árabes; 21% que há uma demasia de judeus. Para 32% torna-se preciso estancar a acolhida. Todavia, dá para verificar que, quando a situação se apresenta, as escolas lassalistas não se recusam a arrostar as interpelações. Durante a sessão foi apresentado em certo número de iniciativas: a experiência *Oscar Romero de Garges* (Bairro de Paris), a ADOS (*Lyon*), uma escola “sem reacismo” (o Instituto *Saint Joseph, Bokrijk*, Bélgica), a IES de *Huarte (Pamplona, Espanha)*, a acolhida de alunos imigrantes nas Províncias de *Bilbao, Cataluña, Madrid, Valencia-Palma e Valladolid*, na Espanha. Os *Colleges* lassalistas, “*Saint Joseph*” de *Blackheath* e de *Beulah Hill* (Londres) acolhem uma população pluri-cultural e pluri-religiosa importante, tanto de alunos quanto de professores, porque, em geral, a maioria das Escolas Lassalistas na Grã-Bretanha não estão implicadas na imigração, por estarem situadas em regiões onde essa população é escassa.

A presença de alunos estrangeiros exige que se reconheça a identidade cultural não como um perigo, mas como uma riqueza. É preciso, pois, passar de um conceito pela semelhança (eu tenho alunos que pensam como eu) a um conceito pelo diferente (eles não pensam como eu e isto é uma chance e uma riqueza).

A instituição escolar tem uma função e uma responsabilidade de grau máximo. A adaptação às novas realidades exige uma transformação das conjecturas, das atitudes e dos relacionamentos vivenciados. Preferentemente a rejeitar ou excluir estrangeiros, deve-se reconhecer e acolher o outro com sua própria personalidade. Para os bispos da Inglaterra e do País de Gales, as Escolas Católicas devem oferecer hospitalidade e acolher as outras crenças, estar a serviço da comunidade local, ser um espaço de encontro, de diálogo e de associação.

---

<sup>36</sup> B. Laeyendecker, *Onrust op een grensgebied. Een globale verkenning*. Praktische Theologie. 2002). 4. 396-417.

### 03. A ambiência em que crescem as crianças. A política educativa da União Européia em face do projeto lassalista

#### O Objetivo da sessão

Em 1967, de maneira que veio muito a propósito, o Instituto evidenciou a importância da inserção dos Irmãos no mundo contemporâneo, portanto, a importância de conhecer a fundo essa realidade com o objetivo de conceber e de pôr em prática um compromisso adequado. Da parte dos Irmãos e de seus colaboradores essa preocupação exige deles que se ajustem constantemente, uma vez que o mundo muda rapidamente e profundamente. Com o incremento da União Européia, a realidade do continente está mudando. Com o traçar de suas novas fronteiras e a afirmação de uma nova identidade, a ambiência européia está submergindo muito mais no fenômeno da internacionalização e da globalização. Qual é, então, essa nova ambientação européia em que germinam e crescem as novas gerações? – Essa sessão se empenhou em:

1. Decifrar as características da sociedade européia na condição de sociedade neoliberal; de formular um diagnóstico, quanto às interpelações, e avaliar as potencialidades de que dispomos para dar uma resposta a elas;
2. Identificar da melhor maneira possível as responsabilidades das instituições lassalistas num tal contexto.

A CLEE reuniu-se na Casa Sede da Província da *Andalucía*, em *Dos Hermanas, Sevilla*, de 27 a 30 de novembro de 2003. O Irmão *José María Martínez Belrán*, apresentou o tema “Neoliberalismo e Educação” identificando um certo número de problemas que se puderam esboçar durante a sessão. *José L. Rozalén Medina*, professor de Filosofia e de Ciências da Educação em Madrid, deu uma contribuição substancial, abordando os temas:

1. O sistema neoliberal e suas manifestações em nosso mundo;
2. O neoliberalismo como ideologia e suas implicações em educação.

Várias comunicações ilustraram aquilo a que pode levar uma sociedade neoliberal de abundância e de consumo. O Irmão *Alain Ory* versou a “Ambientação, a Instituição Escolar e os Jovens”, na França. Em continuação, a *Asociación Proyecto Hombre* (Jerez) apresentou um programa de prevenção e de supervisão em relação com as drogas e o alcoolismo, destinado ao meio familiar e escolar. O Irmão *Angel Terceno* comunicou sua experiência de “A Pedagogia do início” em Pamplona (*Instituto de Enseñanza Secundaria de Huarte*). O Irmão *Belisario Sánchez* expôs um texto de *Victor Amar* sobre as novas tecnologias e os meios de comunicação como dimensões da sociedade contemporânea.

#### O meio em que hoje crescem as crianças e os jovens

Este assunto se situa num elevado grau de abstração considerando que aborda a estrutura fundamental da sociedade ocidental. Essa estrutura afeta a sociedade no seu conjunto e dá lugar ao estabelecimento de uma complexa rede de agentes que influenciam tanto no âmbito econômico como no jurídico, social, cultural e ideológico. No momento atual, esse meio constitui um espaço importante de aprendizagem e de socialização para as crianças, os jovens e os adultos. Não existe nenhuma instância de controle capaz de dominar ou de orientar os movimentos característicos de uma sociedade tão aberta, complexa e imprevisível. Portanto, as crianças e os jovens chegam à escola com uma experiência de vida adquirida, e os meios de comunicação influenci-

am de múltiplas maneiras a cultura dos jovens e o contato com seus pares. Conseqüentemente, a responsabilidade das escolas se amplia e transforma. A composição dos corpos docentes e dos discentes vê-se atravessada por dinâmicas próprias de uma sociedade aberta e pluralista, sujeita a múltiplas reestruturações. Mesmo que os professores se preocupem com renovar sua competência, lançando mão de novos recursos, contando com a cooperação de especialistas em todas as áreas, os alunos aparecem como co-autores importantes, e os pais se apresentam como negociadores indispensáveis em relação com os encadeamentos do projeto educativo e o funcionamento efetivo dos centros educacionais. Qual é o ambiente em que vivem nossos alunos? Quais são as influências desta sociedade sobre a instituição e sobre os alunos? O quê os alunos esperam da escola? O quê nos revelam com seu comportamento? De que maneira os jovens respondem a todas essas incidentalidades?

### Uma abordagem avaliativa do sistema neoliberal e do neoliberalismo <sup>37</sup>

O termo “neoliberalismo”, originariamente em economia, designa diversas escolas liberais, como a escola austríaca e a escola monetarista de *Chicago*, que se inspiraram nos trabalhos da escola neoclássica, que, por sua vez fora a sucessora da escola clássica do final do século XIX e do início do século XX. Essa corrente, geralmente, é denominada de escola neoclássica. <sup>38</sup>

Na Europa o termo “neoliberalismo” é usado desde há alguns anos para referir-se a um suposto fenômeno de renovação e/ou radicalização do liberalismo, em resposta ao dogma *keynesiano*, e conta com *Milton Friedman* e *Friedrich Hayek* como seus principais teóricos. <sup>39</sup> Cada vez mais se-lhe vincula uma conotação pejorativa ao ressaltar que o pretendido “neoliberalismo” aumenta as desigualdades sociais, reduz a soberania dos Estados e prejudica o desenvolvimento do terceiro mundo.

Nos Estados Unidos, o *keynesianismo*, ocasionalmente pode ser qualificado de neoliberal visto que *John Maynard Keynes* se proclamou *new liberal* para apoiar sua doutrina social-democrata intervencionista. O inglês faz diferenças entre *new liberalism* e *neoliberal*. A profunda divergência sobre o significado do termo liberal entre o continente europeu e o outro lado do Atlântico encontra sua explicação no *macarthismo* que induziu numerosos socialistas moderados americanos a se esconderem por trás das alcunhas de “liberal” e “progressista”.

*Michel Foucault*, por seu lado, considera que a doutrina neoliberal se nutriu essencialmente na Alemanha, nos anos trintas, contra o Estado nazista, que era percebido como uma espécie de conseqüência monstruosa mais lógica do dirigismo econômico. De acordo com ele, foi na Alemanha e não nos Estados Unidos, que essas teses radicais puderam encontrar sua primeira aplicação prática. Com efeito, imediatamente depois da guerra, a RFA se constituiu a partir de suas capacidades industriais e não de suas estruturas estatais completamente desmembradas. Graças a seu exílio forçado durante a guerra, é que pessoas como *Hayek* puderam estabelecer vínculos com os Estados Unidos (notadamente com a Escola de *Chicago*) De acordo com *Foucault*, nas origens do neoliberalismo, efetivamente se encontra a idéia que é unicamente a economia que deve permitir a coexistência das liberdades individuais, limitando o poder do Estado, a partir do interior. Abandona-se, pois, o modelo clássico da soberania do Estado em favor de

<sup>37</sup> O vocabulário é ambíguo e não pode ser entendido se não se fizer referência às teorias econômicas a partir do século XVIII e à emergência do “liberalismo”.

<sup>38</sup> Ver o artigo de Maurice Lageux: O quê é o Neoliberalismo. (...) A expressão “o sistema neoliberal” suscita análises muito críticas e avaliações rigorosas do pensamento neoliberal, especialmente por parte do Foro Social Mundial e dos de “antiglobalização”

<sup>39</sup> Cf. M. Friedman, *Capitalism and Freedom*, Chicago, 1982; F. A. Hayek, *The Road to Serfdom*, London, 1986.

uma “*técnica de governo*”. E, partindo daqui chega-se a definir o indivíduo de acordo com suas forças produtivas: ele é um “*empresário de si mesmo*”, que deverá adaptar-se, inovar...de acordo com os cânones econômicos recebidos. Fala-se, pois, do “*capital humano*”; redefine-se a cultura como “*capital cultural*”, e o corpo como “*capital (ou patrimônio) genético*”, que deve ser preservado ou feito “*frutificar*”... eventualmente mediante manipulação ou clonagem!

*José L. Rozalén Medina* lembrou que no século XVIII *Adam Smith* lançou os fundamentos teóricos do liberalismo na sua obra *The wealth of Nations* (A riqueza das Nações). *Smith* afirma que o mercado deve ser competitivo, porque ele se define pela interação da oferta e da demanda. É regra geral que ninguém se propõe promover o interesse público. Cada um só pensa em seu próprio benefício, mas ele é conduzido, como que por u’a mão invisível, a promover uma finalidade que não consta em suas intenções... Ao buscar seu próprio interesse, garante o da sociedade de maneira mais eficaz do que se fizesse constar isto nos seus desígnios.

No decorrer da sessão, *José L. Rozalén* explicou que o neoliberalismo está na moda nos países do primeiro mundo, e pretende ser o único sistema válido para dirigir a coexistência entre os homens. A globalização econômica mostra em toda sua intensidade uma lógica que afeta todos os setores (rentabilidade, competitividade, consumismo irracional). Segundo essa opção, temos que chegar a um *pensamento único*. O neoliberalismo fala de liberdade, de autonomia, sempre e quando estejam submetidas à lei da oferta e da procura. Invoca a participação e a democracia, na medida em que sejam concebidas numa perspectiva individualista, como possibilidade de participar nas estruturas criadas para esse efeito, de se escolherem por voto os representantes. Tenciona privatizar tudo, tendo como consequência o desamparo dos mais fracos, e acentuando as diferenças sociais. O Estado-providência, que se preocupa com os mais pobres, esta desaparecendo pouco a pouco, e nossos políticos se esquecem de se proporem a pergunta socrática e platônica segundo a qual “toda política tem que ser ética”. A primazia concedida ao indivíduo conduz ao individualismo e ao desinteressar-se pelo outro como sendo uma parte de si mesmo.

Sob o pretexto do progresso universal, o neoliberalismo nos arma uma porção de armadilhas:

- A armadilha do êxito profissional;
- A armadilha do triunfo emocional e de suas consequências, como a ruptura constante dos casais, das amizades, dos compromissos sérios, dos relacionamentos pessoais.
- A armadilha do relativismo moral;
- A armadilha do êxito da civilização ocidental.

A atual etapa da evolução do sistema capitalista nos países mais adiantados se distingue:

- Pela aceleração do progresso tecnológico, que exige aumentos constantes dos investimentos e uma maior participação do capital fixo no processo de produção;
- Pela consolidação das grandes empresas monopolísticas, quase sempre do tipo multinacional, visto que podem fazer frente ao conjunto dos investimentos e à grande disponibilidade dos recursos que o progresso tecnológico exige;
- Pela cada dia maior intervenção do Estado na vida econômica, para proteger os interesses das grandes empresas de alguns países.

Tendo em conta a evolução que se operou durante o século XX, quem pode avaliar o conteúdo global? É possível a gente ser otimista, ou pessimista? Ou reconhecer como *César Vidal* que todas as grandes obras do pensamento universal continuam centradas na busca do sentido da vida

e abrem perspectivas de futuro: o Evangelho, o Talmude, o Alcorão, a Declaração dos Direitos do Homem...? <sup>40</sup> A responsabilidade da Europa seria forjar e semear utopias para um novo humanismo. A Europa não pode aceitar ser uma simples apelação vazia de conteúdo. Ela deve ser imaginada e construída pelos europeus numa arbitragem permanente e solidária. O “*logos*” grego numa frutuosa dialética com a “*virtus*” romana, a “*caritas*” cristã, o “*humanismo*” do Renascimento, a “*racionalidade*” do século das Luzes, a “*vida impregnada de razão*” têm progressivamente tecido o verdadeiro emaranhado histórico da Europa, e ela não pode renunciar a nenhuma de suas raízes.

### **O neoliberalismo como ideologia e seus enredamentos na educação**

O conceito chave ou clássico do neoliberalismo é o do financiamento fundado sobre a procura: um produto tem valor, não em si mesmo, mas pela demanda ou procura que suscita. Torna-se, pois preciso estimular uma demanda adequada. À demanda mais forte corresponde o maior número de consumidores e do máximo apoio.

De acordo com essa ideologia, a educação é considerada como mais um produto do mercado, dependendo do processo de oferta e de procura. E como os novos liberais vão ao enalço, sem esmorecer em seus esforços, da privatização da economia, eles estão a favor da privatização econômica do ensino. Favorecem, pois, a satisfação dos clientes, a livre escolha por parte dos pais, a individualização, a concorrência e a seleção dos melhores, a produção eficaz com o menores custos. Para os neoliberais, a escola pública não passa de uma forma de ensino em meio a outras, em concorrência com elas, para favorecer uma escolha. Eles comercializam as funções e os valores, transferindo-os do domínio público e de seus poderes ao do mercado, entregando a missão da escola às mãos deste último.

Apresenta-se assim o problema de um debate de fundo sobre a aposta da escola pública e da particular, sobre a função das famílias, dos Estados e da livre iniciativa. <sup>41</sup> Os diferentes interlocutores envolvidos deverão reunir-se com o objetivo de pôr em marcha as relações suscetíveis de salvaguardar a autonomia de cada um numa responsabilidade partilhada. Será que o espaço público respeitará a diversidade, a sociedade igualitária, justa e solidária? Resistirá ele corajosamente a essa hegemonia mercantilista e consumista? O núcleo ou área escolar, garantirá ele a educação de todos os alunos no respeito de suas possibilidades pessoais, descartando toda forma de discriminação, de marginalização, de exclusão social, econômica ou ideológica? A gestão estratégica, resistirá ela à subordinação da formação à política do mercado? Será que a escola porá em execução uma administração participativa, respeitando o direito dos alunos de se organizarem, de reivindicarem, de negociarem, de se reunirem, de realizarem assembléias e de fazerem greve?

Num ambiente economicamente competitivo e consumista, socialmente aberto, mas complexo e frágil, o indivíduo goza de enormes possibilidades para se realizar, e até mesmo corre o risco de se refugiar num individualismo anárquico. Apoiando-se numa sondagem sobre as aspirações e os valores dos jovens, o Irmão *Alain Ory* destacou exatamente essa tendência de supervalorizar o indivíduo correndo o risco de enfraquecer a coesão familiar. A figura dos pais torna-se mais vagas. Os pais passam dificuldades para se situarem com relação aos filhos, e nas situações monoparentais, aquele que assume a educação do filho, é obrigado a assumir duas

<sup>40</sup> Vidal César, *Los textos que cambiaron la Historia*, 1998, Planeta.

<sup>41</sup> P. Brown & H. Lauder, *Education, Globalization and the Economic Development*. Journal of Educational Policy, 11 (1), 1996, p. 1-25.

funções. Num contexto tão marcado pelo hiperconsumismo,<sup>42</sup> a ânsia da criança prima sobre as exigências de uma educação equilibrada. Sua “majestade”, a criança e a “juvenildade”, produtos do mercado neoliberal, impõem um estilo de vida tributária do sonho de uma felicidade eclética.

### **Política da educação na União Européia**

A UE não tem a intenção de conceber ou de aplicar uma “política comum” de educação. Todavia, ela tem maneiras particulares de promover a cooperação entre os diferentes estabelecimentos de ensino, num nível europeu, ou de criar um “espaço europeu de educação”. Na realidade, a UE aplica as tendências que existem no seio dos diferentes estabelecimentos de ensino nos países europeus. A UE realça particularmente a educação e a formação ao longo de toda a vida, a avaliação da qualidade das escolas e das instituições de ensino superior, e a cooperação com os países não-membros.

Em face da comoção causada pela mundialização e a sociedade da informação, a UE em Lisboa anunciou seu novo objetivo estratégico para o próximo decênio: fazer da economia do conhecimento a mais competitiva e a mais dinâmica do mundo, capaz de um crescimento econômico duradouro, acompanhada de uma melhora da política educativa da União Européia.

Essas ambições dizem muito das afinidades entre a política educativa européia e o projeto da sociedade ocidental. Como pode conseguir seus projetos sem favorecer a integração dos esforços dos distintos países, o contexto socioeconômico e sua harmonização com as prioridades da sociedade? Finalmente, a política educativa da UE é garantida, no econômico pelos diversos Estados. O posicionamento global da UE não pode separar-se das opções econômicas e políticas do mundo ocidental que quer competir com os outros continentes, e com a Ásia em particular.<sup>43</sup>

### **O posicionamento das Obras Lassalistas**

Apesar de fazer parte de uma sociedade neoliberal, a escola lassalista se nega a reproduzir esses pressupostos em seu projeto educativo. Ela se fixa como objetivo convidar a todos os interlocutores a aplicar uma leitura crítica do entorno, centrada na filosofia do mercado e tomar conhecimento da proposição de um projeto educativo inspirado pelas opções humanistas e evangélicas. Trata-se de desenvolver um estilo de administração visualizando os contra-valores em relação com as evidências de uma sociedade neoliberal. Dado o que está em jogo, impõem-se decisões fundamentais e estratégias baseadas na fraternidade, gratuidade, interioridade, solidariedade, inspiradas todas elas pelo “espírito de fé e de associação”. Os jovens necessitariam lugares seguros, mais libertadores do que protetores, centrados no diálogo e no fato de partilhar. Eles teriam necessidade de encontrar adultos fidedignos, capazes de se posicionarem na verdade, e dignos de credibilidade no agir e nas palavras.

A rede de centros educacionais lassalistas se encontra no centro desse confronto e desse debate, tanto em nível local como mundial. O Instituto está envolvido na educação escolar em mais de 80 países nos cinco continentes, integrando-se desta maneira na economia do mundo ocidental e do terceiro mundo. Independentemente de sua boa vontade de pôr-se a serviço da educação dos pobres e dos jovens desfavorecidos, e malgrado um discurso claro oposto ao siste-

<sup>42</sup> Cf. Gilles Lipovetsky, *Le bonheur paradoxal. Essai sur la société d'hyperconsommation*, Paris, 2006.

<sup>43</sup> Cf. D. Hill, *Global Neo-Liberalism, the Deformation of Education and Resistance*, Journal for Critical Education Policy Studies, 1 (1), 2003.

ma neoliberal, é possível que, devido à sua situação geopolítica e às cumplicidades institucionais, os lassalistas também contribuam a pôr em funcionamento o sistema neoliberal e – indiretamente – que milhões de pessoas o tenham que padecer. É fundamental que tanto em nível do Instituto como em nível local, os lassalistas, Irmãos e colaboradores, examinem seu comprometimento no sistema mundial e colaborem no discernimento do que pode ser feito para continuarem solidários no conjunto de decisões prioritárias que lhes são próprias. Esta interpelação exige novas competências. De agora em diante a solução, a fórmula unitária da educação lassalista não pode ser dada de antemão. Os interlocutores se vêm obrigados a analisar as situações concretas e a discernir sobre o terreno quais opções encarnarão seu compromisso para realizar uma ação partilhada, para serem capazes de assumir o papel de dissidentes convictos, ativos e implicados em face de um sistema abusivo, estarem dispostos a ser autênticos fatores de reequilíbrio social e moral. Lutam com outros meios que os da sociedade neo-capitalista: mais lentos, com uma linguagem menos agressiva, com uma abordagem mais fraterna, menos competitiva, menos individualista, menos marcada pelo exclusivismo.

Daqui a importância de desenvolver uma nova ética da educação cristã na Europa, consciente das armadilhas e dos paradoxos ligados à diversidade dos contextos e dos processos da globalização econômica e sócio-cultural. O processo educativo lassalista se põe em marcha através de comunidades educativas que ofereçam espaços de criatividade, de diálogo, de comunicação, de conciliação a partir de um relacionamento pessoal. A identidade comum é inspirada pelo espírito de fé e pelo amor aos Jovens, especialmente àqueles que se vêm privados de um reconhecimento elementar como pessoas. É, pois, vital associar a este projeto todos os interlocutores envolvidos; em primeiro lugar as crianças, os jovens e seus pais, mas também a comunidade local e internacional e intensificar uma colaboração com todos aqueles que resistem às evidências da ideologia neoliberal (fóruns sociais, grupos de reflexão e de ação nos diferentes continentes...).

Localmente existem notórias iniciativas que se esforçam por remediar nos jovens os efeitos destrutivos dos ambientes onde cresceram. É o caso de um programa educativo e terapêutico para o tratamento e a prevenção dos toxicômanos que, ano após ano, na Espanha, acolhe a mais de 12.000 toxicômanos. Esse programa realiza atividades levadas a bom termo no lar, no centro escolar, e oferece às famílias a possibilidade de assistência e consulta telefônica. É o caso do Instituto de Ensino Secundário de *Huarte* (Espanha), que acolhe alunos que sofreram fracasso escolar grave, para incorporá-los o mais brevemente possível no mundo do trabalho. Vítimas do mundo neoliberal, vivem nas situações da sociedade de hiperconsumo. Aferram-se ao grupo de amigos e levam uma vida desenfreada; vivem revoltados contra qualquer forma de normalidade ou de submissão à autoridade. A pedagogia do umbral ou do limiar, o respeito pessoal, a proximidade, o apreço, as festas, um ambiente de amizades, a confrontação justa lhes ajudam a revalorizar-se e a assumir um lugar e uma função construtiva na sociedade. Não esqueçamos que depois das ditaduras comunistas, em certos países da Europa Central e do Leste, a pedagogia do umbral era a única opção aberta. Os Irmãos e seus colaboradores na Polônia, por exemplo, se tinham visto obrigados a comprometer-se no meio de crianças e de adultos deficientes, ou de jovens vivendo com problemas com a justiça, ou à margem da sociedade, ou, na Romênia, por exemplo, de prestar serviços anonimamente.

As Comissões Lassalistas européias (CLEE, CLEP, CLEM) e a Associação Européia de Diretores de Instituições Lassalistas (ASSEDIL) contribuíram em sensibilizar os lassalistas sobre aquilo que está emergindo como realidade européia e a reinterpretar seus compromissos em resposta às interpelações da sociedade neoliberal. No que se refere à história da Europa, e ao Instituto na Europa, existem numerosas “fronteiras” que devem ser demolidas para criar uma

nova solidariedade humana, cristã e lassalista, superando preconceitos e distanciamentos condicionados por numerosas guerras e aspirações nacionalistas.

#### **04. O fenômeno da violência na sociedade contemporânea e as conseqüências para a escola Lassalista**

##### **Objetivos da sessão**

A partir dos anos sessentas, os relacionamentos entre sociedade e instituições foram profundamente remodeladas. Esses relacionamentos se debilitaram. Desde então são o resultado de negociações; eles se flexibilizaram, mas se reorganizam rapidamente no ritmo das mudanças sociais. As instituições, tanto públicas como particulares são atacadas, em certas ocasiões violentamente, por indivíduos, grupos particulares ou por massas descontentes arrastadas por acontecimentos desconcertantes. Perderam sua impunidade evidente do passado.

Nas relações sociais, nos indivíduos, nas famílias, no nível institucional, nas crianças, nos jovens e nos adultos, a violência está ao alcance da mão; encontra-se no nível de “incidente”. Aparece também no meio escolar e altera os bons relacionamentos, tradicionalmente estáveis, entre as direções, os professores e os alunos, e por vezes os pais. As obras lassalistas, estão elas desamparadas em face desta evolução? Ou dispomos nós de chances específicas de êxito para arrostá-la?

O objetivo desta sessão:

1. Situar o fenômeno da violência no contexto da sociedade contemporânea, avaliar suas causas, seu sentido e sua importância;
2. Confrontar a cultura dos estabelecimentos escolares hoje com a espiritualidade educativa de São Batista de La Salle;
3. Explorar iniciativas construtivas com referência às diferentes manifestações de violência em nossas escolas e, idear uma estratégia acerca do problema da violência.

A assembléia da CLEE reuniu-se na Casa *Villa Speranza, San Mauro Torinese* (Turim, Itália), de 25 a 29 de novembro de 2004. Foi sob o título de “Sociedade e Violência na nova Europa. Uma aposta para as obras lassalistas”. O Irmão *Herman Lombaerts* apresentou a temática da sessão, após uma introdução de conjunto pelo Irmão *José María Martínez Beltrán*. Mercê das comunicações dos diretores *Giuseppe Dell’Oglio* (Turim): “Superar a violência institucional que arrasta muitos jovens a um fracasso escolar”, e do Senhor *Albert Serrat* e do Irmão *José Antolínez* (Burgos) “Os trotes violentos, as brigas ou ridiculizações dos calouros e as extorsões de dinheiro escolares (o *bullying*)”, os participantes puderam trocar idéias sobre as iniciativas concretas e fazer frente às diferentes formas, algumas vezes trágicas, de violência no seio das instituições educativas. E, a partir de uma leitura histórica da tradição lassalista, o Irmão *Léon Lauraire* argumentou em favor de uma resposta afirmativa à pergunta: “É a pedagogia lassalista criativa de um meio não-violento?” – Finalmente, *Ernesto Olivero*, fundador do *Servizio Missionario Giovani* (SERMIG) de Turim, deu um testemunho de seu compromisso com os jovens enredados em diferentes formas de injustiça.

##### **Experiências de frustração e contribuição possível das escolas**

A guisa de preparação, os participantes foram solicitados a refletir sobre três perguntas:

1. Está você diretamente confrontado com formas e situações de violência em seu trabalho? Qual é a origem dessa violência? Quais são as manifestações e as conseqüências dessa violência?
2. Quais são as formas de violência na sociedade contemporânea às quais você é particularmente sensível?
3. Em quê essas formas de violência afetam sua maneira de ser, de pensar e de trabalhar?

Na sua introdução à sessão, o *Irmão José María Martínez* apresentou um sumário das respostas a essas questões. Ressaltou a complexidade dos reacionamentos sociais e interpessoais no meio das quais a violência se manifesta. Apoiando-se na documentação, o *Irmão José María* ilustrou até que ponto a realidade social suscita numerosas formas de frustração para as jovens gerações. As soluções requerem uma reflexão madura, e incremento de novas competências, uma ajuda apropriada às vítimas. A questão que então se pôs foi se a escola verdadeiramente pode continuar a ser um instrumento de coesão social e de integração democrática dos jovens cidadãos? Medidas concernentes à atenção à diversidade, a aprendizagem da coexistência, a educação dos comportamentos e a sensibilização aos valores aparecem como prioridades ineludíveis para a educação institucionalizada.

### **Sociedade e violência na nova Europa**

O *Irmão Herman Lombaerts* apresentou um enfoque aprofundado do tema da sessão. Em harmonia com o projeto da MEL (justiça social, inovações educativas, os direitos das crianças, e o desenvolvimento de uma pastoral escolar), a CLEE estudou sistematicamente a “*Lebenswelt*” européia (o conjunto das convicções que regulam a vida de uma determinada sociedade) na qual se situam nossas obras. No contexto da emergência da UE a progressiva integração dos países da Europa Central e do Leste provocou a desconstrução da Europa Ocidental para nela associar uma cultura européia, porém “outra”. Impôs-se então uma elaboração conjunta de uma nova memória coletiva e o ajustamento das representações. Se em épocas passadas o continente europeu administrava seus conflitos e ambições mediante a guerra e a violência militar, hoje o ponto de referência dos índices das “desordens” (de todo tipo e em todas as áreas) inicia com a busca de vias diplomáticas e políticas, criando instituições adequadas e buscando a ordem justa para garantir o bem-estar de todos os europeus. A interação das transições da sociedade (globalização, TICE, consumo, busca de segurança em todos os campos, a abertura...) com as transições no seio das instituições (autonomização, diversificação, funcionalidade, laicidade, profissionalismo...) cria tensões. As relações de força se reorganizam e assistimos à emergência de novas formas de violência, de novas mentalidades com que temos que nos defrontar. A definição tradicional apresenta-a como um ato voluntário com a intenção de causar dano. Uma leitura sistemática insiste no aspecto contingente, na coincidência de diferentes intenções e lógicas de desejar restabelecer a ordem. A violência é uma reação freqüentemente enraizada num sofrimento, numa angústia, ou em outras vulnerabilidades. Existem, pois, diferentes maneiras de identificar e de compreender a violência. Daí a importância de bem diagnosticar os fenômenos de violência que se manifestam no interior da escola. Revelam uma mensagem importante que afeta as pessoas envolvidas na instituição educacional propriamente dita, em permanente interação com um contexto muito peculiar.

Atualmente, dois tipos de violência merecem que lhes prestemos atenção. De um lado, a deteriorização da sociedade: comportamentos de rudeza, de grosseria, de brutalidade, distintos dos comportamentos de falta de atenção, despreocupação, indiferença (deteriorização dos relacionamentos sociais, dos serviços, dos relacionamentos familiares, do meio ambiente, dos relacionamentos entre homem e mulher e do amor, do sentido da vida). Como superar essas diferen-

tes formas de deteriorização para introduzir uma cultura de respeito mútuo e evitar que “uma ideologia da rua” a domine e arrase? Porque esta assume que não existe uma ofensa ambígua. Ela identifica o ofensor, humilha-o automaticamente e de igual maneira. Ela apela para uma percepção fatalista do outro em termos de hostilidade, e satisfaz seu orgulho numa luta desapiedada. Essa lógica pode infiltrar-se de maneira sorrateira ou aberta na escola. Exige, então, uma resposta contextual e personalista, implicando a escuta e o diálogo, para restabelecer as bases de uma co-responsabilidade arraigada numa missão educativa preocupada com o futuro da pessoa.

Por outro lado, diferentes formas de terrorismo perturbam a segurança e paralisam numerosos projetos de coexistência pacífica. No transcorrer da história diferentes estratégias foram adotadas para gerir a violência (a guerra, a diplomacia, o controle dos recursos naturais, a hegemonia econômica e militar). A partir de agora, é “a guerra ao terrorismo” que deverá restabelecer a ordem. Ficamos perplexos ante a observação que, muitas vezes, as soluções propostas reforçam uma lógica da violência.

Dois filósofos tentaram explicar o ato terrorista de 9 de setembro.<sup>44</sup> Para J. Habermas, a violência representa um elemento patológico da Modernidade. É o resultado do fato que a sociedade pós-industrial “coloniza” a *Lebenswelt* das populações e suscita em retorno à exclusividade das crenças pré-modernas. Será que a comunicação intersubjetiva pode fazer desembocar num consenso racional em torno do “melhor argumento” e superar a violência terrorista, assim como Habermas o propõe? – Para J. Derrida o terrorismo é um sintoma de uma crise de autoimunidade e responde a forças incalculáveis, a responsabilidades indefiníveis. O terrorismo é imperdoável e representa o “eixo do mal”, testemunho da decadência de uma certa teologia. Derrida mais fez uma referência a uma resposta espiritual: uma geopolítica do perdão incondicional, inspirada pela tolerância, a hospitalidade, a experiência “abraâmica”.

Para estabelecer uma ordem justa parece necessário administrar de outra maneira as diferenças, as desigualdades, os encontros entre diferentes sensibilidades e valores, e articular uma espiritualidade com estratégias de ação e de gestão.

Naquilo que concerne as obras lassalistas, o Irmão *Lombaerts*, em face dos fenômenos da violência sugere pôr em execução uma cultura e uma gestão de participação. Para antecipar (e não para remediar) as formas de violência seria necessário comprometer o conjunto da comunidade educativa, a fim de superar certas deficiências pessoais e institucionais. Seria grandemente desejável desenvolver uma competência coletiva em relação com a observação dos fatos e das situações, a fim de chegar a uma mudança quantitativa da educação.

A respeito das proposições de J. Habermas de superar a violência pelo consenso em torno do “melhor argumento”, o teólogo alemão J.B. Metz assinalou que a condição humana não se deixa reduzir à racionalidade.<sup>45</sup> A reflexão humana é marcada por “uma lembrança afetada”, por uma sensibilidade empática. Metz reconhece uma estrutura de memória anamnésica profunda na reflexão humana. Ela associa notadamente a lembrança das vítimas inocentes de violências nas guerras, os genocídios, e tantas ações terroristas. As vítimas inocentes suscitam uma solidariedade coletiva e universal. Daí a importância de se referir à tradição cristã onde a anam-

<sup>44</sup> Jürgen Habermas & Jacques Derrida, *Filosofie in een tijd van terreur. Gesprekken met Giovanna Borradori, Kampen/Kapellen, 2004.* ( Philosophy in a time of terror – dialogues with Jürgen Habermas and Jacques Derrida, Chicago, 2003.

<sup>45</sup> Johannes Baptist Metz, *Anamnestic Vernunft. Anmerkungen eines Theologen zur Krise der Geisteswissenschaften*, in Axel Honnet, Thomas McCarthy, Claus Offe, Albrecht Wellmer (Hrsg), *Zwischenbetrachtungen im Prozess der Aufklärung/M. 1989, 733-738.*

nésia, na celebração eucarística, reúne os crentes em nome de uma vítima inocente. E precisamente essa solidariedade “anamnéstica” constitui a base de uma espiritualidade da não-violência e de sua ritualização na vida cotidiana.<sup>46</sup>

A UE estando às voltas com, lutando com os novos tipos de violência, muitas vezes inerentes à sua própria emergência, interpela as escolas a mudar sua cultura, a inventar e afinar suas estratégias educativas e de coabitação, a gerir mais atentamente as numerosas interações com seus entornos, a suscitar iniciativas em prol dos contatos inter-culturais e inter-religiosos. A história do Instituto e a espiritualidade lassalistas se valem de uma tradição criativa com referência às desordens que perturbam a vida das crianças e dos jovens.

### **A violência urbana nos séculos XVII e XVIII na França**

Para situar a atitude de São João Batista de La Salle em face da violência, e as respostas educativas que ele tentou propor, o Irmão *Léon Lauraire* lembrou brevemente que elas foram as formas principais e as causas dessa violência em sua época.

Os historiadores identificaram numerosas formas de violência, como, por exemplo, as rixas (conflitos, brigas violentas, golpeações com lesões), a vingança privada, o duelo, os assassinatos encomendados, o roubo com violência, os ataques contra os agentes da ordem pública, o estupro, as ameaças de morte, as revoltas, as violências verbais... Na época todas essas violências estavam onipresentes, e elas facilmente estalavam nas próprias casas das famílias, nas ruas, ou em certos lugares da vida social popular, ou por ocasião de circunstâncias particulares. As crianças e os jovens viam-se misturados com elas, tanto como espectadores, como vítimas ou protagonistas ou promotores.<sup>47</sup>

Esse contexto concreto permite compreender a hostilidade de La Salle contra a violência, sua desconfiança acerca dos libertinos, das más companhias que já enveredaram no caminho da violência, e de sua determinação de erradicar a violência da escola, objetivando preservar os alunos, as crianças e os jovens.

O Irmão *Lauraire* identifica seis causas da violência urbana:

1. As desigualdades sócio-econômicas, uma parte importante da população se encontra no limite da sobrevivência, e os modos de vida frustrantes e precários;
2. As atitudes de desprezo por parte dos ricos, às vezes, os detentores do poder, do dinheiro, o prestígio e a consideração social. O povo, vítima dos comportamentos insolentes e de brutalidade sente raiva e rancor;
3. A arbitrariedade do poder absoluto, os pobres não tendo o direito à voz, a falar, ficando sem defesa;
4. Devido ao analfabetismo geral (80% da população), a ignorância científica e sobretudo a falta de assistência médica em fenômenos naturais, causam um medo permanente. Os pobres sobretudo se sentem desamparados em face das enfermidades e das epidemias;
5. Uma penúria financeira, uma rudeza afetiva, pouco desenvolvida, pouco refinada. A banalização do espetáculo da morte arrasta atrás de si uma depreciação da vida humana, donde a convicção que a força prima sobre o direito;

<sup>46</sup> H.Lombaerts, *Ritual's Narrative Logics*, in P. DeMey, J. Haers & J. Lamberts, *The Mission to Proclaim and to Celebrate Christian Existence*, Leuven, 2005, p. 307-319; *Questions Liturgiques*, 86 (2005) 203-215).

<sup>47</sup> Cf. *La Conduite des Écoles Chrétinennes*, Capítulo XV.

6. Um contexto de insegurança e de violência: uma pobreza lancinante, os fenômenos naturais, os riscos permanentes de agressão.

Para La Salle, a violência física era uma espécie de sacrilégio. Ele considerava que um comportamento violento contrariava as Regras da Distinção e da Civilidade Cristã. Aos educadores cabia, pois, estimular as crianças e os jovens a praticar os bons modos e a civilidade “por motivos da santa presença de Deus”... por “respeito a presença de Deus”, por conseguinte, como uma “virtude que tinha relação com Deus, com o próximo e conosco mesmos”.<sup>48</sup> Eis porque ele se mostrou tão severo no que tange qualquer forma de violência que se manifestasse em uma escola lassaliana, como sejam: brigas violentas; os alunos culpáveis deviam ser punidos muito exemplarmente. Pelo contrário, num sentido ascético e moral, La Salle fala em fazer-se “violência” para progredir na virtude, sem esquecer que, em sua época, os castigos corporais eram admitidos como prática educativa.

De acordo com o *Guia das Escolas Cristãs*, no que se refere a um comportamento violento, La Salle e seus Irmãos promoveram antes uma pedagogia preventiva e incitativa, uma pedagogia criativa de um meio não-violento (um meio fraterno). O Irmão *Lauraire* a descreve em sete características:

1. Uma pedagogia do coração: despertar e refinar a sensibilidade, a ternura, a brandura, o respeito, a consideração, a delicadeza;
2. Uma pedagogia da sociabilidade fraterna, estimulando os alunos a desenvolver o respeito mútuo, a entreaajuda constante e o sentido da solidariedade;
3. Uma pedagogia do êxito, permitindo a cada aluno progredir no seu ritmo e de acordo com suas capacidades, avançar em confiança e com uma certa serenidade, e evitar assim o sentimento de ansiedade e de insegurança;
4. Uma pedagogia do comportamento (a prática de uma atitude comedida, de modéstia e de domínio de si) incita a viver um agir não-violento na escola, mas também no espaço social;
5. Uma pedagogia da interioridade: diversas atividades ao longo de todo o dia favorecem a instauração da calma e visam ao desenvolvimento da interioridade dos alunos;
6. Uma pedagogia preventiva que visa a criar uma cultura capaz de impedir a eclosão de tensões, de frustrações, de desordem, de agressividade;
7. Uma aprendizagem da civilidade: aos filhos dos artesãos e dos pobres La Salle propôs o ideal de se tornarem pessoas civilizadas, capacitadas de evitar o uso da força e da violência.

### **O posicionamento dos lassalistas em face da violência na sociedade contemporânea**

Será que essa “pedagogia lassalista” continua a convir à atualidade nos estabelecimentos educacionais na Europa? – O Irmão *Lauraire* não tem dúvidas acerca disto, contanto que se façam algumas adaptações necessárias ao contexto atual. Na realidade, progressivamente a sociedade se tem transformado profundamente. Com a generalização da educação escolar, uma certa civilidade (boas maneiras, cortesia) se tem disseminado em todas as classes sociais. Ações direcionadas e intencionais refinam as atitudes e os comportamentos pessoais e a cultura das instituições. Mensagens publicitárias estimulam a população a abandonar certas práticas nocivas para a saúde e põem em risco a integridade do outrem. Todavia, a violência é e tem sido de todos os tempos. Ela se está transformando, profissionalizando, criminalizando, e se está apresentando

<sup>48</sup> Regras de Cortesia e de Civilidade (006, 001).

sob formas refinadas e maléficas. Uma vigilância bem organizada se impõe tanto na sociedade como nas instituições, mais especialmente nos educandários.

É este o projeto apresentado pelo Senhor *Albert Serrat* e o Irmão *José Antolínez*. De acordo com seu testemunho, a violência escolar se reveste de múltiplas formas e de diversos graus de intensidade: Comportamentos violentos nas salas de aula, maus tratos entre colegas, vandalismo e danificações do material escolar, violência física, agressões sexuais. Os trotes aos calouros são aplicados de diferentes formas: agressões físicas e insultos, a rejeição e a exclusão no meio dos de mais idade, mas, hoje em dia, através mesmo de mensagens sobre cartazes ou expedidas por Internet, se constituem na forma mais generalizada, sobretudo entre os alunos entre 10 ou 15 anos de idade; mas existe também entre os de mais idade e de adultos. Segundo uma pesquisa junto de 1.200 alunos, resultou que 50% dentre eles foram vítimas de agressões esporádicas. 70% dos professores consideram que a disciplina é um problema muito importante. A indisciplina está na origem da síndrome dos professores “queimados” por causa de comportamentos associativos de alguns alunos, e em especial por causa dos maus tratos. Um estabelecimento deve, pois, analisar em profundidade esse fenômeno e tentar adotar medidas sanatórias prudentes apropriadas. No Colégio La Salle de *Palencia* foi realizada uma enquête aprofundada sobre o perfil das vítimas, dos locais onde se deram os maus tratos, as diferentes formas adotadas (jogos violentos, por exemplo). Em seguida foi constituída uma Equipe de Convivência Colegial ( 4 professores e 3 alunos ) , com a incumbência de desenvolver uma estratégia de intervenção tanto junto das vítimas quanto dos agressores. Solicitaram também uma cooperação dos pais.<sup>49</sup>

O Senhor *Giuseppe Dell’Oglio*, diretor do Instituto Técnico de Turim, expôs o problema de uma forma de violência institucional. Quando um estabelecimento não se preocupa pelo itinerário escolar dos alunos, facilmente se cria uma prática de avaliação e de exclusão sentida pelos alunos como violenta. Estudando o sistema de avaliação e verificando os critérios invocados para avaliar o fracasso dos alunos, foi possível não somente recuperar um certo número deles, mas pôr em execução um sistema de apoio pedagógico para ajudar os alunos a superarem seu fracasso. Essa iniciativa merece ser invocada porque incide em um dos aspectos nocivos da burocratização do ensino, da introdução da cultura de mercado na escola, que tem como consequência relegar certos valores fundamentais da nossa orientação pedagógica e espiritual. A pedagogia lassalista, assim como Irmão *Lauraire* a explicitou nos incita a examinar de perto o sistema de ensino e de avaliação assim como é praticado na realidade concreta.

Os participantes também escutaram o testemunho do Senhor *Ernesto Olivero*, fundador do *Servizio Missionário Giovani* (SERMIC), de Turim. Esse Centro organiza semanas de formação, pesquisas musicais, diálogos de convivibilidade, uma ajuda ao desenvolvimento e às situações de crise, projetos de desenvolvimento em países pobres.

---

<sup>49</sup> Colégio La Salle, Palencia (Espanha). *Como vivir para convivir*. Com relação ao Programa de sensibilización contra el maltrato entre iguales. Da Associação REA (Valladolid).

## **05. O posicionamento da religião no âmago da União Européia. A Missão das escolas lassalistas: evangelização, catequese, cultura religiosa**

### **Objetivos da sessão**

Os temas das três sessões precedentes (as migrações, o projeto neoliberal, a violência) têm evocado alguns aspectos da mudança que atualmente se está operando com a formação da União Européia. Eles nos permitiram traçar a trama de um mapa geopolítico do continente europeu como quadro de referência de uma interrogação mais fundamental. Na realidade, todos os países envolvidos encontram-se diante de uma evolução de tal envergadura como é a posição sócio-religiosa, educativa e política que em nossos centros se encontra desestabilizada. Após o “confessionalização” da sociedade européia de 16<sup>o</sup> ao 18<sup>o</sup> século, fortemente estimulada pelas tensões entre a Reforma e a Contra-Reforma, neste momento, estamos vivenciando o final de uma “desconfessionalização” da sociedade civil. Este movimento suscita respostas paradoxais no interior das igrejas: uma secularização radicalizada em face da emergência do confessionalismo e do fundamentalismo. Será que o Instituto, na Europa, está confrontado com uma “laicização” do projeto lassalista? Será possível garantir a continuidade deste projeto na Europa, sem passar pela reinterpretação “secularizada” de sua espiritualidade? Qual inspiração “mística” será capaz de dinamizar o compromisso dos lassalistas de hoje? – Estas perguntas reajuntam de modo estranho as preocupações dos séculos 16 e 17, sobretudo a partir do jansenismo, questões com as quais São João Batista de La Salle teve que defrontar-se.<sup>50</sup>

Nesta sessão o empenho se centralizou em:

1. Estudar as mudanças que têm lugar na posição social das religiões tradicionais e os afastamentos em busca de sentido, sobretudo das novas gerações.
2. Compreender melhor até que ponto a busca de sentido e a qualidade de vida configuram uma oportunidade inesperada para criar um meio de educação suscetível de tornar “Deus possível”;
3. Intuir quais sejam as forças sinérgicas presentes na comunidade educativa lassalista, pluralista, para vivenciar juntos a aventura da colaboração multicultural e multirreligiosa.

A sessão foi realizada na *De La Salle Schule*, em *Strebersdorf*, Viena, Áustria, de 25 a 27 de novembro de 2005. *Herman Lombaerts* fez a introdução do tema de estudo: “A emergência do homem e do Deus da vida em nossa nova Europa”. – A reflexão foi nutrida com três conferências sobre o espaço da religião na Europa de amanhã. O professor *P. M. Zulehner* (Universidade de Viena) fez uma exposição de duas hipóteses da sociologia das religiões: “A Europa Ocidental é secularizada? A Europa Central e a Oriental estão em vias de secularização?” – O Professor *Secundino Movilla* (Instituto San Pio X, Madrid) em seguimento analisou uma questão muito debatida na Europa: “A volta da religião: probabilidade ou utopia?” – E, finalmente, o Professor Irmão *Flavio Pajer* (Universidade Salesiana, Roma, e Universidade de Nápoles) abordou a questão da “Condição (ou destino) do ensino religioso na Europa pluralista”. Por sua vez, o Irmão *John Deeney* (Inglaterra) relatou sua experiência de acompanhamento de jovens engajados em projetos de desenvolvimento na África: qual é o impacto de uma tal experiência sobre sua vida pessoal? – O Irmão *Alain Ory* (França) lembrou os problemas da reorganização dos estabelecimentos educacionais franceses com a secularização. – A senhora *Maria José Manéz* (Espanha)

<sup>50</sup> M. De Certeau, *Le lieu de l'autre. Histoire Religieuse et Mystique*, Paris, 2005, p. 232.

*nha*) deu um testemunho de seu engajamento de colaboradora missionária no meio lassalista, na África. E o Irmão *Herman Lombaerts* comunicou os resultados de sua pesquisa fundamental e empírica sobre a percepção dos professores de religião, de um lado pelos próprios professores e de outro pelos alunos.

### A religião na Europa

Durante a fase preparatória, os participantes foram convidados a refletir sobre a temática mediante três perguntas:

1. De que maneira os estabelecimentos de sua Província foram afetados pelo processo de secularização própria da Europa Ocidental?
2. Quais foram as iniciativas tomadas pelos educadores, os responsáveis para enfrentá-lo? Com que objetivos, segundo qual tipo de mobilização, por quais meios? Quais têm sido os efeitos?
3. Por que manter as obras lassalistas na Europa secularizada? – Por quais meios e com que mobilização essas obras podem garantir uma “sobra” ou um “ganho” de sentido?

### A hipótese da secularização

Será mesmo que a Europa rompeu com seus vínculos profundos com a tradição judeu-cristã, da maneira como certas pessoas afirmam? É a tese de uma Europa secularizada. *P. M. Zulehner* lembra que a teoria da secularização foi formulada para compreender o desenvolvimento da religião e das igrejas nas sociedades e culturas modernas”.<sup>51</sup> Esta teoria nos remete ao também ao desencanto do mundo (*Max Weber*), ou ao processo de invisibilização da religião (*Th. Luckmann*). A questão pode ser associada a diferentes etapas históricas de uma progressiva emancipação do homem moderno na Europa (*Cf. Bill of Rights, 1689*), a Revolução Francesa (1789), a emergência das democracias,...) .

Os sistemas totalitários do fascismo e do comunismo por sua vez contribuíram para restringir a influência da religião. Mas foi, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX que o projeto de liberdade se infiltrou, na Europa Ocidental, em todos os rincões da sociedade e em todos os seus domínios: a liberação com referência ao poder religioso-eclesiástico, as dissoluções das legitimizações religiosas, a luta contra as possíveis repressões pelas instituições, as normas, as autoridades. Um novo vocabulário se impôs: a secularidade remete às sociedades seculares com uma autonomia relativa nos domínios profanos, à cooperação entre a Igreja e o Estado, como efeito secundário com a identificação da cristandade com a Igreja e não mais com a cultura.

O secularismo, pelo contrário, visa sobretudo ao nascimento de um ateísmo europeu, com a negação de toda a realidade sobrenatural. Uma sociedade secularizada professa uma separação radical entre a Igreja e o Estado. De acordo com os gráficos apresentados por *Zulehner*, a evolução para um ateísmo se fez notar sobretudo ( mais de 50% da população) na Irlanda do Norte e na Inglaterra, na França (inclusive a Córsega), a Suécia, a Estônia, a República Tcheca, a Bielo-Rússia.

---

<sup>51</sup> Cf. as publicações desde o anos da década de 1970, de autores como *Th. Luckmann*, *P.L. Berger*, *G. Dux*,...

### Qual será , então, o futuro da religião?

As sociedades liberais e modernas deixam ao indivíduo a livre opção pela religião, em oposição à adesão determinada pelo nascimento. Assistimos, assim, por um lado, à coexistência da pluralidade de religiões e de sistemas ideológicos.<sup>52</sup> Os países onde mais de 50% se reconhecem como cristãos comprometidos são a Irlanda, Portugal, Itália (com a Sicília e a Sardenha), a Grécia, a Polônia, a Eslováquia, a Croácia, a Romênia e Malta.<sup>53</sup> Quanto à repartição da população quanto a religiões e ideologias conforme a idade, afirma-se que a orientação atéia se manifesta sobretudo no grupo de 50 a 59, e menos no de 30 anos de idade. Os cristãos engajados se encontram, sobretudo, dentre as pessoas com mais de 50 anos de idade. O que interessa e intriga aos sociólogos é precisamente um duplo movimento de mudança de convicção nas pessoas de menos de 30 anos de idade: certos crentes renegam sua fé; certos não-crentes se convertem. Por outro lado, o medo de dever optar diminui a força de influência das igrejas e facilita a descristianização (fraca socialização religiosa, neutralização da catequese e diminuição da prática sacramental).

### Será que assistiremos a um renascimento da espiritualidade?

A partir dos anos de 1990 se está manifestando um novo interesse pela espiritualidade. Esse movimento representa uma realidade complexa. Um uso secularizado dos símbolos religiosos sugere que se trata de uma espiritualidade profana. Mas uma espiritualidade que emergisse de um contexto profano seria a expressão de uma nova busca de qualidade de vida.<sup>54</sup> *Ariane Martin* acaba de publicar uma pesquisa sobre as dimensões de uma espiritualidade profana:<sup>55</sup> esta pode propagar a exploração de si mesmo, o encantamento ou deslumbramento, a cura, a comunidade, o aspecto festivo da vida, a viagem para o tempo passado ou futuro, a referência ao mundo... Será que essa espiritualidade não expressa um protesto contra a secularidade desesperada? Ou, então, será que não se trata de uma fuga, por exemplo, de perder-se em toda sorte de experiências excêntricas? Só podemos destacar o contraste com a aspiração do povo judaico de encontrar a Deus, ou com o desejo de adesão a Cristo, o Filho de Deus.

*Zuhleiner* concluiu que a tensão entre a secularidade e a espiritualidade representa uma oportunidade para as jovens gerações. De ora em diante estas duas categorias não separam mais a adesão religiosa; da secularidade pode surgir uma nova religiosidade. Daí a necessidade de adotar um questionamento crítico, de afinar e aprofundar o discernimento diante de todas essas tendências de espiritualização. Paradoxalmente, diante dessa evolução as igrejas se vão debilitando. Qual pode ser sua contribuição na Europa contemporânea? A missão das Igrejas Cristãs, e de qualquer religião não muda: permanecer fiéis à encarnação. As polaridades tradicionais “contemplação – ação – mística – política – fé em Deus – solidariedade com os pobres e os deficientes – a coincidência do amor a Deus – amor aos homens” atestam que o profano ou a secularidade, e o religioso se atraem mutuamente. O que importa é o “entre os dois”. Para viver com serenidade essa tensão, necessitam-se espaços simbólicos, mestres espirituais, iniciações apropriadas.

<sup>52</sup> Segundo um censo de 1999, na Áustria, 31% se declararam cristãos comprometidos; 27% de orientação atéia, 32% humanistas naturalistas, 10% de religiosidade eclética; devem acrescentar-se os membros das religiões mundiais, como o budismo, o Islã.

<sup>53</sup> Cf. Também L. Halman, R. Luijkx & M. van Zundert, *Atlas of European Values*, Tilburg, 2005, pp. 60-73.

<sup>54</sup> Cf. Os painéis publicitários que acentuam a melhora de qualidade de vida, ou servido-se de índices pseudo-religiosos.

<sup>55</sup> *Sehnsucht – der Anfang von allem. Dimensionen zeitgenössischer Spiritualität*, Ostfildern, 2005.

## O “retorno da religião”: probabilidade ou utopia?

O Professor *Secundo Movilla* se pergunta se esse retorno seria o da religião institucional, ou a emergência de uma religião pessoal. Se esse retorno acontecer, será somente nos setores conservadores. De que falaremos, então, quando “retorno ou volta” implica em algo novo, distinto do conhecido no passado?

*Movilla* faz uma distinção entre a religião tradicional implicada num processo de mudança, e a religião nas suas formas atuais de expressão.

De um lado existe um processo de mudança, de erosão do sagrado, e de outro lado de reconfiguração do religioso. De um ponto de vista *quantitativo*, a metamorfose afeta o enfraquecimento e a desconstrução da religião instituída (desdogmatização, desafeição, mercantilismo do espiritual, decomposição do sistema dos ritos e das crenças). De um ponto de vista *qualitativo*, ele destaca a inovação de tendências e de sensibilidades novas, ou uma reconfiguração do religioso (interiorização e individualização, subjetividade e emocionalidade, aspecto comunitário ou gregário).

De outro lado, os jovens, hoje em dia têm modos e estilos particulares para se expressarem religiosamente. Aquilo que se denomina de “religião da pós-modernidade” dá a impressão de ser uma religião “*light*”. A religião pregada por correntes sincretistas representa uma amalgama eclética de elementos neo-místicos e neo-esotéricos. A religião dos que se dizem “novos movimentos religiosos” é de caráter neo-conservador, tradicionalista, integrista e fundamentalista. A religião dos movimentos sociais, pelo contrário, milita em favor das grandes causas universais da humanidade.

Se quiséssemos identificar as afinidades ou preferências dos jovens que ordinariamente freqüentam nossas plataformas pastorais e educativas, nós nos contentaríamos com distinguir a religiosidade do *peregrino* da do *convertido*.<sup>56</sup> A religiosidade do peregrino se caracteriza por uma fluidez dos processos espirituais, mercê dos quais o indivíduo progressivamente vai dando sentido à sua vida, e, pouco a pouco, reforça sua identidade religiosa. Ademais, o caráter provisório e temporário de sua sociabilidade religiosa deixa a porta aberta a formas possíveis e variáveis de pertença. A religiosidade do convertido (grupo minoritário) dá testemunho de um processo de conversão e de autêntica iniciação cristã: aspiração de vivenciar uma experiência de fé, o reconhecimento da iniciativa de Deus, a opção consciente por uma nova identidade.

A partir do nosso compromisso pastoral e educativo, este diagnóstico parece longo. O verdadeiro contrapeso para a religiosidade individual reside na experiência comunitária de partilhar a fé. Por isso mesmo demos prosseguir pode ênfase na formação cristã e na catequese, na *koinonia* ou comunhão (*At 2, 42; 1Pd 2,17, 5,9*) e na *ekklesia* (1Cor. 15,9; Gl 1, 13; At 8, 3); *Movilla* sugere por em ação quatro dimensões, para acompanhar os jovens que buscam a fé:

1. Apresentar uma religião da qual se espera que traga *espiritualidade*, isto é, uma especial sensibilidade para descobrir a presença do mistério ou do divino na realidade, em si mesmo, na relação com o simbólico, na celebração, na festa, na gratuidade e na contemplação.
2. Uma religião na qual a *experiência* retome a importância. A experiência religiosa tem um componente emocional e uma dimensão afetiva. Constitui um reforço da

<sup>56</sup> Cf. Danièle Hervieu-Léger, *Le pèlerin et le converti. La religion en mouvement*, Paris, 1999; P. Richard, *Le Dieu de la vie e la renaissance de la religion*. Concilium, n° 258 (1995), 170.

identidade da pessoa e da personalização da fé. Faz falta um esforço educativo, necessário para procurar que a vivência dos jovens progrida para experiências religiosas.

3. Uma religião que faça sua *causa dos pobres* e dos excluídos. Trata-se de repensar a utopia a partir da referência ao Reino de Deus, e de estabelecer e situar a ética no engajamento pela libertação dos oprimidos
4. Uma religião *pluri-religiosa, ecumênica e universal*. Na União Européia, a mescla de raças e de culturas diferentes, está dando origem à multiculturalidade, a uma situação real de pluralismo religioso ou de multi-religiosidade, que tem profunda repercussão e incidência nas crenças. A realidade que vivenciamos nos leva a pensar que o próprio das religiões é tender para a universalidade, isto é, a esse “verdadeiro universalismo em que valoriza a cada um como diferente e único, se dialoga com ele e se o aceita de um modo real e solidário”.

### **O ensino da religião na Europa pluralista <sup>57</sup>**

As manifestações que expressamos nos dois temas anteriores, encontram seu corolário na diversidade do vocabulário referente ao ensino da religião. O Irmão *Flavio Pajer* lembra alguns termos: cultura religiosa, ensino leigo do fato religioso, Sociedade – Cultura e Religião, Educação Regiosa de Multicrenças, Aprendizagem Inter-religiosa, *Lebensgestaltung-Ethik-Religionskunde*, *Ethikunterricht*, *Bibelunterricht*, *Konfessionelle-kooperativer Religionsunterricht*, Educação moral e religiosa católica, Visões da vida, Cursos filosóficos, Estudo comparativo das religiões... Todas essas locuções e termos remetem ao mesmo tempo a um enfoque pedagógico e didático de ensino e ao contexto social e institucional.

No contexto do Instituto na Europa, e tendo em conta uma diversidade de acordos entre a Igreja e o Estado, algumas vezes nos sentimos satisfeitos por gozar uma certa liberdade na maneira de administrar e cumprir nossa missão. Mas, até onde e até quando poderemos demonstrar respeito e gozar dessa liberdade e dessa autonomia, inclusive no domínio da educação religiosa? Encontramo-nos aqui às voltas com um paradoxo da Europa (Ocidental) destes últimos anos. Quando o ensino religioso parece tornar-se precário ou desmoronar inclusive nas escolas confessionais, verifica-se um amplo consenso em torno da idéia de que o Estado, por meio de suas escolas, deve generalizar e reforçar o conhecimento crítico do fato religioso.

O Irmão *Flávio Pajer* assinala quatro razões pelas quais o Estado, em muitos países quer revigorar esse conhecimento:

1. Para combater a incultura religiosa que impede compreender uma dimensão central da vida pessoal e social, bem como uma grande parte do patrimônio cultural ocidental;
2. Para enfrentar o novo pluralismo religioso;
3. Para responder à busca de sentido, que se tornou cada vez mais aguçado após a derrocada das grandes ideologias seculares ou profanas;
4. Para dar apoio à educação para a cidadania democrática, à tolerância e ao respeito do “outro”, ao respeito dos direitos humanos.

Em seguida, ele descreve algumas tendências maiores que indicam as direções que o ensino religioso irá tomar nos dias por vir:

---

<sup>57</sup> F. Pajer, *Scuola e istruzione religiosa dell'Europa multireligiosa: problema e sfide*, in F. Pajer (ed). – *Europa, scuola, religioni. Monoteismi e confessioni Cristiane per una nuova cittadinanza europea*, Torino, 2005, 1-31.

1. Deixar-se-ão de lado os conteúdos mono-confessionais para integrar temas próprios de outras confissões cristãs, de outras religiões, da religiosidade difusa, as espiritualidades, as diversas “filosofias da vida”;
2. Nos programas de cursos de religião serão integradas, de forma mais estruturada, as três religiões monoteístas;
3. A insistência ética (etização) dos cursos de religião;
4. Uma “civilização” da instrução religiosa, no sentido de que essa civilização se submeta melhor aos imperativos de coesão da sociedade civil, e de que as decisões políticas a este respeito são adotadas pelas autoridades civis (do Estado ou da UE);
5. Um processo de integração da aprendizagem religiosa na metodologia intercultural;
6. Uma integração progressiva dos cursos de religião em uma ou outra das disciplinas no currículo obrigatório: nas escolas públicas os cursos de religião estão sendo sempre menos incluídos nos planejamentos da programação, do emprego do tempo, ou do desenvolvimento didático.

O Irmão *Flávio Pajer* descortinou um panorama capaz de trazer inquietações a todos nós como educadores-missionários que somos. De fato tomamos consciência de que temos posto de lado nosso capital de convicções e de práticas profissionais, acumulado durante séculos de transmissão religiosa no ambiente escolar. Pressentimos que a função na qual temos investido toda sorte de recursos nos pode escorregar das mãos: por falta de meios, de formação, de ânimo, de criatividade, de visão do futuro... Mas as análises e os projetos sobre o componente de nossa missão, que é o “ensino e a formação para a vivência religiosa” não podem deixar de lado a rede objetiva de relacionamentos, referências, dependências, nos quais estamos imersos, nós e as nossas instituições de ensino. A crise do ensino religioso tem sua origem e suas causas fora das salas de aula.

As perspectivas possíveis se expandirão em torno de algumas “polarizações” a respeito das quais seremos obrigados a tomar decisões de política educativa: o enfoque *confessional / não-confessional*, o enfoque *cognitivo/hermenêutico*, os *cursos de religião/ cursos disciplinares*, com exigência de saber, saber fazer e saber ser. A abordagem *mono/multi/inter-religiosa*. A abordagem *local/européia*. A abordagem *religião-memória/ religião-projeto*. Temos que ressaltar que não se pode conhecer a própria religião se não se souber o quê ou quem a aproxima ou diferencia de outras religiões. A escola cristã evidentemente tem que manter sua identidade confessional e elaborar uma cultura religiosa como memória ativa do patrimônio herdado, mas não pode omitir-se de tirar partido e de elaborar, em coerência com sua missão, a religião enquanto projeto; dito de outra maneira, o potencial dinâmico, até mesmo subversivo, do Evangelho.

### **O modelo hermenêutico-comunicativo do ensino da religião**

Exatamente a respeito da polaridade “*enfoque cognitivo/hermenêutico*”, o Irmão *Herman Lombaerts* apresenta o modelo *hermenêutico-comunicativo*, desenvolvido no centro de pesquisa da pedagogia religiosa da Universidade Católica de *Leuven*, como resposta ao impasse atual. Este modelo se justifica teoricamente a partir de uma reflexão filosófica e teológica em particular, das ciências sociais, sobre hermenêutica e o aprendizado da religião, em todo o decurso do século vinte. Para verificar até que ponto os professores de religião e seus alunos são sensíveis a esse enfoque, ele idealizou uma investigação empírica, efetivada por *Joke Maex*, junto de 100 (cem) professores com uma idade média de 40,7 anos, e seus 1.400 alunos, em média, com 17 anos de idade.<sup>58</sup> Os professores foram convidados a se descreverem como *professores* mediante

<sup>58</sup> Os resultados dessa pesquisa foram resumidos em três obras.

um questionário. Os alunos, por sua vez, foram convidados a descrever seus professores através do mesmo questionário.

Mercê de diversos procedimentos estatísticos e da confrontação crítica com o enfoque teórico, afirma-se que, hipoteticamente, se podem encontrar quatro tipos de professores: a) O professor *cristão não-comprometido*; b) o professor *tolerante*"; c) o professor *que guarda silêncio* sobre o tema religioso, ou que sugere uma *descontinuidade* da tradição cristã, e d) o professor *"colaborador e aberto ao diálogo"*. O modelo hermenêutico-comunicativo encontra-se mais entre os tipos a) e d).

Quanto aos alunos, foi possível verificar cinco percepções sobre o estilo de ensino do professor. Os alunos fizeram distinções entre: a) o professor *aberto e pluralista*; b) o professor *cristão mas fechado*; c) o professor que *reforça a educação familiar*; d) o professor *colaborador*, e, e) o professor que guarda silêncio ou que sugere a *descontinuidade*. O modelo hermenêutico-comunicativo é mais vezes encontrado entre os tipos a) e d) .

Sinteticamente se pode reconhecer uma certa polarização no interior das cinco dimensões examinadas:

1. A personalidade do professor é de ordem biográfica (identidade narrativa) ou dogmática;
2. Em seus relacionamentos com os alunos o professor se alia com o discurso do grupo, ou pratica um ensino linear;
3. Os professores têm uma competência hermenêutica ou ressentem uma paralisia, uma inibição acerca deste tema;
4. Eles valorizam a tradição judaico-cristã, acham-na importante, mas dela se distanciam;
5. Os professores praticam o diálogo numa comunicação aberta, ou eles se refugiam em posições céticas com relação às atitudes de seus alunos.

Na Bélgica e áreas fronteiriças, menos de 50% dos jovens se declaram "crentes" no sentido lato do termo. Somente uma minoria dentre eles reconhecem haver troca de idéias com seus pais. Afirma-se que o professor de religião é quem mais partilha a discussão relativa à dimensão religiosa ou filosófica da vida. Isto não contradiz que os pais ou os avós tenham uma influência importante sobre as opções pessoais que os jovens adotam neste domínio.

### **Com jovens europeus na África**

O Irmão *John Deeney* tem organizado projetos de ajuda em diversos países do continente africano. O contato com essa realidade constitui para os jovens uma profunda experiência. Eles ali descobrem o natural do povo africano, o que suscita seu respeito e amplia seus horizontes. Suas maneiras de viver numa sociedade de conforto, ideologicamente muito secularizada, os interpelam. Avaliam melhor sua situação na Europa e se questionam sobre a sociedade ocidental. Eles se dão conta que o dinheiro não é tudo, que ele não traz a felicidade, e compreendem por que a Igreja se engaja em favor da justiça, se solidariza com a luta cotidiana dos africanos. Admiram os missionários. Ao mesmo tempo, a experiência em grupo solidifica seu compromisso e lhes ajuda a esclarecer suas opções e convicções. É também uma oportunidade para melhor captar o sentido e o alcance do espírito de fé, de fraternidade e de serviço.

*María José Máñez*, depois de uma experiência vivida no Peru com a ONG “Proyde”, com a ajuda dos Irmãos, e durante dois anos como colaboradora na Guiné Equatorial, ela se defrontou com as circunstâncias difíceis na vida familiar; as crianças não podendo usufruir os benefícios de um lar unido e estável. Ela nos explicou que “a mentalidade do povo está muito marcada por uma consciência pré-moderna, dependente das forças da natureza, submissa ao poder dos espíritos. Disse que acredita que, se em algum momento foi “missionária”, foi quando lhes disse que ela não era dona da verdade absoluta, e que lhes falava de Deus em quem tinha fé, e do que Jesus Cristo falara, que era o Deus do amor e da esperança”. Ela tinha tomado mais consciência de até que ponto a inserção nos ambientes “missionários” ou desfavorecidos constitui a identidade do compromisso lassalista. Marcada por essa experiência, fundou a associação “Parmênia” para dedicar-se aos jovens de *Paterna* (Valencia), num ambiente de maioria cigana.

### **Os estabelecimentos lassalistas na França e a secularização**

O Irmão *Alain Ory* se interroga sobre a contribuição específica que as escolas lassalistas podem oferecer num país tradicionalmente católico, como no tempo de São João Batista de La Salle, mas nos dias de hoje profundamente marcado pela secularização. Hoje, 71% dos franceses dizem que cabe a cada um definir sua opção de vida, independentemente das igrejas. A secularização, mesmo que não tenha decretado a morte da religião, provocou profundas desconjunturas. Daí a pergunta: “Por que manter as escolas lassalistas nessa Europa secularizada? O Irmão *Alain Ory* apresenta três argumentos pertinentes:

1. Este projeto, cujos fundamentos datam de São João Batista de La Salle e do *Guia das Escolas Cristãs*<sup>59</sup> ainda continua pertinente hoje. A atenção ou atendimento aos jovens, e mais especialmente àqueles que se encontram em situações difíceis, a ação educativa “juntos e por associação”, a preocupação de construir o homem, e ajudá-lo a declarar Deus, constituem os três eixos que respondem às necessidades pedagógicas do mundo contemporâneo.
2. Sem o comprometimento dos leigos seria utópico tentar prosseguir nessa missão. Esse comprometimento deve ser precedido e depois acompanhado de tempos específicos de formação sobre o carisma lassalista na sua dimensão histórica e na sua atualização. O fato de que 12 (doze) “associados” terem assumido um compromisso temporário de partilha da missão é um elemento de grande significado.
3. Numa sociedade secularizada, a dimensão religiosa é marcada pela “desinstitucionalização”, o pluralismo o subjetivismo e o racionalismo. A instituição escolar é um dos raros espaços onde os jovens vão poder, entre si e com os adultos, trocar idéias, confrontar suas opiniões, expressar suas convicções e suas dúvidas, aprofundar sua fé e celebrá-la. A escola lassalista, assim como a escola católica, têm essa missão de Igreja a cumprir, hoje mais do que ontem.

---

<sup>59</sup> Conduite des Écoles Chrétiennes

## CONCLUSÕES

Ao concluir este trabalho sobre algumas das coordenadas fundamentais da União Europeia que está nascendo, impõem-se algumas conclusões. Mas, incumbe a cada leitor continuar o estudo e construir a sua própria conscientização. A questão-chave deste Caderno se centraliza na pertinência da missão lassalista numa Europa que se reinventa em interação com a situação mundial em plena transformação.

O estudo dos quatro temas permitiu compreender melhor a que ponto as prioridades econômicas, políticas, sociais e culturais dão o tom na elaboração do projeto europeu. Ainda que as igrejas, a católica e as protestantes em particular, mantenham um ascendente certo sobre a vida social, e se esforcem por se envolverem no debate a respeito das questões éticas ou em matéria de justiça social, elas não têm mais a iniciativa da construção da nova Europa. As religiões tradicionais vêm-se obrigadas a se posicionarem de outra maneira na sociedade e garantir sua presença e sua visibilidade malgrado a incontestável debilitação institucional.

O dilema histórico se repete. Como foi assinalado no capítulo V, foi mérito de um autor como *Michel de Certeau* ter relacionado o processo de mutação da Europa cristã do século XXI com as múltiplas tensões próprias dos séculos XVI e XVII.<sup>60</sup> Hoje como ontem, quando se produz uma mudança generalizada na tomada de consciência do povo, e a autoridade das religiões e dos sistemas filosóficos se vêm interpelados por novas situações, as Igrejas tendem a se polarizar em torno de duas sensibilidades diferentes. - Por um lado se pode observar um reforço das fronteiras que marcam a diferença entre uma entidade eclesial e o mundo ambiente, uma regressão sobre uma doutrina ortodoxa e uma disciplina intra-eclesial, a centralização da autoridade que pede obediência e uniformidade, o reforço de certa espiritualidade e de uma liturgia controladas pela instituição. - Por outro lado, verifica-se uma infiltração mais audaciosa da sociedade inspirada por uma percepção mais pessoal das crenças e da *ecclesia*, uma maior disponibilidade ao diálogo e a uma colaboração interreligiosa, inter-cultural, uma maior atenção às circunstâncias existenciais e à realidade socioeconômica, a mudança qualitativa da coexistência no mundo sendo uma condição para que o Reino de Deus seja uma realidade crível para a multidão. A “conversão” e a “reforma” exigidas podem, então, cristalizar-se em torno de sensibilidades diferentes, até mesmo opostas.

O Instituto, na Europa, não pode escapar a essa transição. O ensino escolar democratizado, particular ou público, confessional ou pluralista, de mais em mais é administrado pelos governos, em nome de uma sociedade pluralista. Num futuro não muito remoto, dependendo de cada situação nacional, a rede lassalista, bem como as outras congregações docentes e as instituições diocesanas, acaso poderá ainda salvaguardar sua ilhota institucional protegida como no passado, quando a educação proposta se apoiava sobre uma espiritualidade e uma pedagogia particulares? Em face desta questão, se fazem ouvir duas sensibilidades: Que proveito se tirará de uma tal retirada estratégica numa instituição com sua identidade, protegendo-se das influências de um ambiente secularizado? Pelo contrário, que oportunidades haverá de aparecer do compromisso em nome de uma reinterpretação do carisma histórico na nova realidade e no interior das confrontações existenciais da sociedade contemporânea?

---

<sup>60</sup> Le lieu de l'autre. Histoire religieuse et mystique, Paris, 2005.

A exploração dos temas permite identificar, a título de exemplo, alguns pontos quentes incontestáveis em que uma tomada de posição concreta, revelará a presença de uma sensibilidade profética no seio da realidade atual das jovens gerações.

### **A hipótese da secularização**

A etiqueta colada sobre a Europa faz pensar. O quê significa esse movimento da massa de “batizados” que se distanciam de um modelo histórico de adesão à fé e de incorporação numa instituição eclesial? O que passou da moda nessa tradição até chegar à conclusão de que hoje a religião institucionalizada marcará a diferença quanto ao sentido da vida, nem para o presente, nem para a eternidade? O termo “revelada”, assim como a instituição quer mantê-la na vida e apresentá-la no contexto contemporâneo, percebe-se nele algo que perdeu sua pertinência, como algo pervertido, enganoso, sem credibilidade? Que discernimento se torna necessário, quer seja sobre o contexto contemporâneo, ou sobre esta “palavra” para que manifeste seu caráter revelador e profético? É próprio do homem ser sensível à palavra verdadeira, autêntica, fiel, transmissora de interioridade sem falha. Por que não é este o caso de hoje em dia? A pedagogia lassalista se implantou na instituição escolar, instrumento especialmente sensível à autenticidade do discurso pronunciado. O lassalista se estão dando conta do mal-estar profundo e do risco da descontinuidade. Será razão suficiente para escutar atentamente o discurso, silencioso ou cheio de argumentos, sobre a distância cultural vivida e perceber qual escuta poderia despertar a atenção a outra palavra que provenha de outro lugar, e que seja audível e crível?

### **O desafio da imigração**

O fenômeno se está impondo em todos os países. Os meios estratégicos para fazer-lhe frente são variados. Em nossos centros educacionais não se trata de acolher ou não acolher as famílias de imigrantes, nem em que medida. Corremos o risco de nos fixarmos numa espécie de ingenuidade apostólica, inconscientes da complexidade do fenômeno. Um desafio se situa num nível mais profundo. Em face das diversas formas de perceber e de reconhecer a realidade da imigração, de desenvolver ou não desenvolver uma política de hospitalidade, de assimilação, de integração, os responsáveis pelas nossas obras se sentem compelidos a discernir qual política adotar para a acolhida dos “estrangeiros” e favorecer sua integração no itinerário escolar. Correm o risco de ser tributários dos interesses econômicos e políticos dos governos nacionais, espelhados na política da educação escolar, e de evitar a preocupação da justiça social, dos valores evangélicos, ou simplesmente esquecer os pressupostos e as exigências de uma solidariedade transnacional no âmago mesmo do Instituto. O fato migratório, assim como a situação dos estrangeiros num meio operário, ou entre pessoas de passagem, suscita a necessidade de organizar encontros de estudo, de intercâmbio de experiências, de análises oportunas, de concertar o desenvolvimento de estratégias educativas que marquem a diferença. Não dispomos de receitas para arrostar as interpelações contemporâneas. O gênio lassalista emergirá a partir da qualidade do discernimento e da ação comum, juntamente com a resposta à realidade europeia complexa e diversificada, mas sob a inspiração daquilo que o Fundador e tantas gerações têm realizado no passado;

### **A autoridade da escola**

Hoje, o Estado, a justiça, a polícia, os pais, a escola... não representam a autoridade devida à profunda crise de confiança e de credibilidade em face de todos eles. Os atores da escola assim como os conteúdos que ela impõe se vêem questionados. De ora em diante, faz falta negociar cada tomada de decisão, cada modificação dos regulamentos, cada correção de caráter discipli-

nar, cada avaliação do ensino... Será que isto significa uma decadência dramática a respeito do passado tão bem organizado e disciplinado? Ou é visto como indício de um modelo novo de colaboração entre as gerações, assim como de acompanhamento de um processo de integração numa sociedade diferente? Nossa tradição prega uma pedagogia pacífica, garante a abertura da pessoa a valores profundamente humanos e evangélicos, considerados como realidades de progresso e transmitidos de geração em geração.

Essa ordem tão evidente do passado estalou. Constrói-se um meio educativo com e por interação progressiva entre diferentes partes interessadas, incluída a pluralidade de suas situações familiares, de origem étnica, cultural, econômica, religiosa, de suas aspirações em face da vida, a escolaridade, a integração na sociedade por vezes caótica. A escola faz vítimas, tanto entre os alunos como entre o pessoal, porque seu sistema institucional reflete um lado violento por sua cumplicidade (consciente ou inconsciente) com as prioridades econômicas e políticas da sociedade.

Esta é uma preocupação sentida através de todo o corpo lassalista europeu. As próprias influências sociais condicionam a evolução do continente.

A simples leitura comum da diversidade pode ajudar a superar os limites locais, o bloqueio nos pressupostos ou nas práticas estereotipadas, reprodutivas, e a despertar a inspiração e a motivação para criar um meio educativo que introduza uma diferença qualitativa. Esta era uma das maiores preocupações de São João Batista de La Salle.

### **Desnacionalizar o “lassalianismo”**

O termo lassalianismo encerra uma diversidade de significados, também na Europa. Seu emprego frequente nos discursos, nos textos, nos projetos, sugere que ele tenha um significado, uma acepção exatos. Mas, o verdadeiro sentido nunca está ali onde se suspeita estar. Remetemos a um “fora do texto” inacessível.

O termo refere-se sobretudo a uma dimensão simbólica, a um marco de referência pluriforme, não identificável com tal ou qual pessoa ou situação, com tal ou qual país. De um país a outro, o “lassalianismo” está marcado por um filtro étnico e cultural, encerrado no interior de fronteiras nacionalistas, impregnado de representações e preconceitos próprios de cada local particular. Este é o momento de “desnacionalizar” o lassalianismo e elaborar uma nova memória coletiva dentro da Europa. Os encontros e intercâmbios permitirão integrar as biografias pessoais e comunitárias, estar atento à diversidade de sensibilidades, de significados, de “vocação”, e de elaborar uma nova interpretação da “missão”.

Daí a importância de explorar os espaços pertinentes de inserção e de refletir juntos sobre aquilo que emerge a partir da prática e da diversidade de compromissos. As sessões de formação de Roma ou nas Regiões, os Colóquios e as Assembléias de Comissões europeias têm demonstrado a importância da multiplicidade de maneiras de partilhar, de analisar, de estudar, passando além das fronteiras étnicas, culturais, lingüísticas ou religiosas.

### Questionário Final

Para refletir e partilhar.

1. Capítulo 1º: Que limitações imporiam vocês ao texto? – Quais aspectos ressaltaria vocês como mais significativos em face da missão do Instituto na Europa e no mundo?
2. Capítulo 2º: Que conceitos aparecem mais claros por trás da exposição? – Que ação deveria empreender a missão lassalista no que concerne a imigração? – No seu meio concreto, como se poderia vivenciar a gestão do pluralismo?
3. Capítulo 3º: Quais seriam os principais desafios que o neoliberalismo apresenta para o contexto lassalista em que vocês atuam? – Onde seria preciso empenhar um esforço mais intenso? – Como ajudar aos membros mais frágeis – crianças e jovens – imersos no olho do ciclone?
4. Capítulo 4º: A par dos casos concretos de administração da violência descritos no texto, conhecem vocês alguma experiência exitosa na esfera familiar, do bairro, do centro, da cidade onde se localiza sua escola? – O que deveria tomar em consideração um planejamento correto de posicionamento lassalista em face da violência?
5. Conclusões: “Desnacionalizar o *lassalianismo*”, no ambiente de vocês, significa o reforço em quais aspectos específicos?